

#juntocom PAPA



cancaonova.com



**Todos os discursos e homilias
do Papa Francisco na
América do Sul.**

EQUADOR

Discurso do Papa Francisco na cerimônia de boas-vindas no Equador Domingo, 5 de julho de 2015

Senhor Presidente,

Ilustres Autoridades do governo,

Irmãos no Episcopado,

Senhoras e senhores, amigos todos!

Dou graças a Deus por me ter me permitido voltar à América Latina e estar aqui, hoje, convosco, nesta linda terra do Equador. Sinto alegria e gratidão ao ver as calorosas boas-vindas que me dão: é mais uma prova do carácter acolhedor que tão bem define as pessoas desta nobre nação.

Agradeço-lhe, Senhor Presidente, as amáveis palavras que me dirigiu, que retribuo com votos de todo o bem para o exercício da sua missão. Saúdo cordialmente as ilustres autoridades do governo, os meus irmãos bispos, os fiéis da Igreja no país e todos aqueles que, hoje, me abrem as portas do seu coração, da sua casa e da sua Pátria. A todos vós, o meu reconhecimento afetuoso e sincero.

Visitei o Equador em diferentes ocasiões por motivos pastorais; e também hoje venho como testemunha da misericórdia de Deus e da fé em Jesus Cristo. A mesma fé que, durante séculos, modelou a identidade deste povo e deu muitos frutos bons, entre os quais se destacam figuras insignes como Santa Mariana de Jesus, o santo irmão Miguel Febres, Santa Narcisa de Jesus ou a Beata Mercedes de Jesus Molina, beatificada em Guayaquil, trinta anos atrás, durante a visita do Papa São João Paulo II. Eles viveram a fé com intensidade e entusiasmo e, praticando a misericórdia, contribuíram para melhorar, em diferentes áreas, a sociedade equatoriana do seu tempo.

Hoje, também nós podemos encontrar, no Evangelho, as chaves que nos permitem enfrentar os desafios atuais, avaliando as diferenças, fomentando o diálogo e a participação sem exclusões, para que as realizações alcançadas no progresso e desenvolvimento possam garantir um futuro melhor para todos, prestando especial atenção aos nossos irmãos mais frágeis e às minorias mais vulneráveis. Para isso, Senhor Presidente, poderá contar sempre com o empenho e a colaboração da Igreja.

Amigos todos, com entusiasmo e esperança, começo os dias que se seguem. No Equador, encontra-se o ponto mais próximo do espaço exterior: é o Chimborazo, chamado por essa razão o lugar «mais próximo do sol», da lua e das estrelas. Nós, cristãos, vemos Jesus Cristo como o sol, e a lua como a Igreja, a comunidade; ninguém, à exceção de Jesus, tem luz própria. Possa, nestes dias, tornar-se mais evidente para todos a proximidade «do Sol que nasce do Alto», sendo nós reflexo da sua luz, do seu amor.

Daqui quero abraçar todo o Equador. Desde o cume do Chimborazo até as costas do Pacífico, desde a selva amazônica até às Ilhas Galápagos, nunca percais a capacidade de dar graças a Deus pelo que Ele fez e faz por vós, a capacidade de proteger o humilde e o simples, cuidar das suas crianças e idosos, confiar na juventude e maravilhar-se com a nobreza do seu povo e a beleza singular do seu país.

O Sagrado Coração de Jesus e o Coração Imaculado de Maria, a quem foi consagrado o Equador, derramem sobre vós a sua graça e bênção. Muito obrigado!

Homilia do Papa Francisco na primeira Missa no Equador Segunda-feira, 6 de julho de 2015

A passagem do Evangelho que acabamos de ouvir é o primeiro sinal portentoso que se realiza segundo a narrativa do Evangelho de João. A preocupação de Maria, transformada em súplica a Jesus: «Não têm vinho!» e a referência à «hora» compreender-se-ão nos relatos da Paixão.

É bom que assim seja, porque permite-nos ver a ânsia de Jesus por ensinar, acompanhar, curar e alegrar, a começar da súplica de sua Mãe: «Não têm vinho!»

As bodas de Caná repetem-se em cada geração, em cada família, em cada um de nós e nossas tentativas de fazer com que o nosso coração consiga apoiar-se em amores duradouros, fecundos e felizes. Demos um lugar a Maria, «a mãe», como diz o evangelista. Façamos com Ela o itinerário de Caná.

Maria está atenta àquelas bodas já iniciadas, é solícita pelas necessidades dos esposos. Não Se fecha em Si mesma, não Se encerra no seu mundo; o seu amor fá-La «ser para» os outros. E, por isso, Se dá conta da falta de vinho. O vinho é sinal de alegria, de amor e abundância. Quantos dos nossos adolescentes e jovens percebem que, em suas casas, há muito que não existe nenhum! Quantas mulheres, sozinhas e tristes, interrogam-se quando foi embora o amor, quando se diluiu da sua vida! Quantos idosos se sentem deixados fora da festa das suas famílias, abandonados num canto e já sem beber do amor diário. A falta de vinho pode ser efeito também da falta de trabalho, de doenças e situações problemáticas que as nossas famílias atravessam. Maria não é uma mãe «reclamona», não é uma sogra que espia para se consolar com as nossas inexperiências, erros ou descuidos. Maria é mãe! Permanece ao nosso lado atenta e solícita.

Maria, porém, dirige-se com confiança a Jesus, Maria reza. Não vai ao chefe de mesa; apresenta a dificuldade dos esposos diretamente a seu Filho. A resposta que recebe parece desalentadora: «Que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora» (v. 4). Mas, entretanto, já deixou o problema nas mãos de Deus. A sua solicitude pelas necessidades dos outros apressa a «hora» de Jesus. Parte dessa hora, desde o presépio até a cruz – Ela soube «transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura» (EG 286), e recebeu-nos como filhos quando uma espada Lhe trespassava o coração –, Maria nos ensina a deixar as nossas famílias nas mãos de Deus; a rezar, acendendo a esperança que nos indica que as nossas preocupações também preocupam Deus.

Rezar sempre nos arranca do perímetro das nossas preocupações, fazendo-nos transcender aquilo que nos magoa, agita ou falta a nós mesmos para nos colocarmos na pele dos outros, calçarmos os seus sapatos. A família é uma escola onde a oração também

nos lembra que há um nós, que há um próximo vizinho, parente, que vive sob o mesmo teto, compartilha a vida e está necessitado.

Maria, finalmente, atua. As palavras «fazei o que Ele vos disser» (v. 5), dirigidas aos serventes, são um convite dirigido também a nós para nos colocarmos à disposição de Jesus, que veio para servir e não para ser servido. O serviço é o critério do verdadeiro amor. E isso aprende-se especialmente na família, onde nos tornamos servidores uns dos outros por amor. Dentro da família, ninguém é descartado; nela, «aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer “obrigado” como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Esses pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia» (LS213). A família é o hospital mais próximo, a primeira escola das crianças, o grupo de referência imprescindível para os jovens, o melhor asilo para os idosos. A família constitui a grande «riqueza social», que outras instituições não podem substituir, devendo ser ajudada e reforçada para não perder jamais o justo sentido dos serviços que a sociedade presta aos cidadãos. Com efeito, esses não são uma espécie de esmola, mas uma verdadeira «dívida social» para com a instituição familiar, que tanto contribui para o bem comum de todos.

A família também forma uma pequena Igreja, uma «Igreja doméstica», que, juntamente com a vida, canaliza a ternura e a misericórdia divina. Na família, a fé mistura-se com o leite materno: experimentando o amor dos pais, sente-se envolvido pelo amor de Deus.

Na família, os milagres fazem-se com o que há, com o que somos, com aquilo que a pessoa tem à mão. Muitas vezes, não é o ideal, não é o que sonhamos nem o que «deveria ser». O vinho novo das bodas de Caná nasce das talhas de purificação, isto é, do lugar onde todos tinham deixado o seu pecado. «Onde abundou o pecado, superabundou a graça» (Rm 5, 20). Na família de cada um de nós e na família comum que todos formamos, nada se descarta, nada é inútil. Pouco antes de começar o Ano Jubilar da Misericórdia, a Igreja vai celebrar o Sínodo Ordinário dedicado às famílias, para amadurecer um verdadeiro discernimento espiritual e encontrar soluções concretas para as inúmeras dificuldades e importantes desafios que a família deve enfrentar nos nossos dias. Convido-vos a intensificar a vossa oração por essa intenção: para que, mesmo aquilo que nos pareça impuro, nos escandalize ou espante, Deus – fazendo-o passar pela sua «hora» – possa milagrosamente transformá-lo. A família hoje necessita desse milagre!

Tudo começou porque «não tinham vinho», e tudo se pôde fazer porque uma mulher – a Virgem Maria – esteve atenta, soube pôr nas mãos de Deus as suas preocupações e agiu com sensatez e coragem. Mas, não é menos significativo o dado final: saborearam o melhor dos vinhos. E esta é a boa nova: o melhor dos vinhos ainda não foi bebido, o mais gracioso, profundo e belo para a família ainda não chegou. Ainda não veio o tempo em que saboreamos o amor diário, onde os nossos filhos redescobrem o espaço que partilhamos, e os mais velhos estão presentes na alegria de cada dia. O melhor dos vinhos ainda não veio

para cada pessoa que aposta no amor. A família deve apostar no amor, deve apostar em amar. E ainda não veio, mesmo que todas as variáveis e estatísticas digam o contrário; o melhor vinho ainda não chegou para aqueles que hoje veem desmoronar-se tudo. Murmurai até acreditá-lo: o melhor vinho ainda não veio; e sussurrai-o aos desesperados ou que desistiram do amor. Tenham paciência e esperança, assim como Maria, porque o melhor vinho está por vir. Deus sempre Se aproxima das periferias de quantos ficaram sem vinho, daqueles que só têm desânimos para beber; Jesus sente-Se inclinado a desperdiçar o melhor dos vinhos com aqueles que, por uma razão ou outra, sentem que já se lhes romperam todas as talhas.

Como Maria nos convida, façamos «o que Ele nos disser» e agradeçamos por, neste nosso tempo e nossa hora, o vinho novo, o melhor, nos fazer recuperar a alegria de ser família.

Discurso do Papa Francisco em visita a Catedral de Quito Segunda-feira, 6 de Julho de 2015

Discurso improvisado:

Concedo a minha bênção a cada um de vós, às vossas famílias, a todas as pessoas queridas e a este grande e nobre povo equatoriano, para que não haja diferenças, não haja exclusão, não haja pessoas descartadas, todos sejam irmãos, todos sejam incluídos, e ninguém fique fora desta grande nação equatoriana. A cada um de vós, às vossas famílias, concedo a bênção.

Mas antes recitemos juntos o Ave-Maria.

Discurso preparado pelo Santo Padre

Queridos irmãos!

Venho a Quito como peregrino, para partilhar convosco a alegria de evangelizar. Saí do Vaticano saudando a imagem de Santa Mariana de Jesus, que, no exterior da abside da Basílica de São Pedro, vela pelo caminho que o Papa percorre tantas vezes. A Ela, recomendei também o fruto desta viagem, pedindo-lhe que todos nós pudéssemos aprender com o seu exemplo. O seu sacrifício e a sua heróica virtude são representados por uma açucena. Mas, na sua imagem em São Pedro, carrega um ramo de açucenas, porque juntamente com a dela apresenta ao Senhor, no coração da Igreja, as flores que sois todos vós, as flores do Equador.

Os Santos convidam-nos a imitá-los, a seguir a sua escola, como fizeram Santa Narcisa de Jesus e a Beata Mercedes de Jesus Molina, que se sentiram interpeladas pelo exemplo de Santa Mariana. Quantos daqueles que estão aqui hoje sofrem ou sofreram a orfandade, quantos tiveram que tomar a seu cargo irmãos ainda pequenos, quantos se empenham diariamente no cuidado dos enfermos ou idosos; assim o fez Mariana, assim a imitaram Narcisa e Mercedes. Não é difícil, se Deus está connosco. Elas não fizeram grandes proezas, aos olhos do mundo. Simplesmente amaram muito, demonstrando-o no dia-a-dia até chegarem a tocar a carne sofredora de Cristo no povo (cf. [Evangelii gaudium 24](#)). Não o fizeram sozinhas; fizeram-no «junto com» outros; as pedras, escultura e alvenaria desta catedral foram feitas por meio da forma própria dos povos nativos: a «minga», um trabalho de todos a favor da comunidade, anónimo, sem cartazes nem aplausos. Queira Deus que, tal como as pedras desta catedral, assim ponhamos aos ombros as necessidades dos

outros, assim ajudemos a construir ou reparar a vida de tantos irmãos que não têm forças para a construir ou a deixam por terra.

Hoje estou aqui convosco, que me dais de presente o júbilo dos vossos corações: «Que formosos são sobre os montes os pés do mensageiro (...), que apregoa a boa-nova» (Is 52, 7). É a beleza que somos chamados a difundir, como bom perfume de Cristo: a nossa oração, as nossas boas obras, o nosso sacrifício pelos mais necessitados. É a alegria de evangelizar e, «uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática» (Jo 13, 17).

Que Deus vos abençoe!

Homilia do Papa Francisco Parque Bicentenário, Quito Terça-feira, 7 de julho de 2015

A palavra de Deus convida-nos a viver a unidade, para que o mundo acredite.

Imagino aquele sussurro de Jesus na Última Ceia como um grito nesta Missa que celebramos no «Parque Bicentenário». Imaginemos juntos: o Bicentenário daquele Grito de Independência da Hispano-América. Foi um grito, nascido da consciência da falta de liberdade, de estar a ser espremidos, saqueados, «sujeitos às conveniências dos poderosos de turno» (Evangelii gaudium, 213).

Queria que hoje os dois gritos... queria que hoje os dois gritos coincidissem sob o belo desafio da evangelização. Não a partir de palavras altissonantes, nem com termos complicados, mas que nasça da «alegria do Evangelho», que «enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento», da consciência isolada ([EG 1](#)). Nós todos juntos, aqui reunidos à volta da mesa com Jesus, somos um grito, um clamor nascido da convicção de que a sua presença nos impele para a unidade, «indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível» (EG 14).

«Pai, que sejam um, para que o mundo creia»: assim o almejou, levantando os olhos ao céu. A Jesus brota-Lhe este pedido num contexto de envio: Como Tu me enviaste ao mundo, Eu também os enviei ao mundo. Naquele momento, o Senhor está a experimentar na sua própria carne o pior deste mundo que Ele, apesar de tudo, ama loucamente: intrigas, desconfianças, traição, mas não esconde a cabeça, não se lamenta. Também nós constatamos no dia-a-dia que vivemos num mundo dilacerado pelas guerras e a violência. Seria superficial pensar que a divisão e o ódio afectam apenas as tensões entre os países ou os grupos sociais. Na realidade, são manifestação daquele «generalizado individualismo» que nos separa e coloca uns contra os outros (cf. [EG 99](#)), são manifestação da ferida do pecado no coração das pessoas, cujas consequências fazem sofrer também a sociedade e a criação inteira. É precisamente a este mundo desafiador, com os seus egoísmos, que Jesus nos envia, e a nossa resposta não é fazer-nos de distraídos, argumentar que não temos meios ou que a realidade nos supera. A nossa resposta repete o clamor de Jesus e aceita a graça e a tarefa da unidade.

Àquele grito de liberdade, que prorrompeu há pouco mais de 200 anos, não lhe faltou nem convicção nem força, mas a história conta-nos que só se tornou contundente quando deixou de lado os personalismos, o afã de lideranças únicas, a falta de compreensão doutros processos libertadores com características diferentes, mas não por isso antagônicas.

Poderá a evangelização ser veículo de unidade de aspirações, sensibilidades, esperanças e até de certas utopias? É claro que sim; isso mesmo acreditamos e gritamos. «Enquanto no mundo, especialmente nalguns países, se reacendem várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, queremos insistir na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos a carregar as cargas uns dos outros» ([EG 67](#)). O anseio de unidade supõe a doce e reconfortante alegria de evangelizar, a convicção de que temos um bem imenso para comunicar e de que, comunicando-o, ganha raízes; e qualquer pessoa que tenha vivido esta experiência adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros (cf. [EG 9](#)). Daí a necessidade de lutar pela inclusão a todos os níveis – lutar pela inclusão a todos os níveis! – evitando egoísmos, promovendo a comunicação e o diálogo, encorajando a colaboração. É preciso confiar o coração ao companheiro de estrada, sem medo nem difidência. «O abrir-se ao outro é algo de artesanal, porque a paz é artesanal» ([EG 244](#)); é impensável que brilhe a unidade, se a mundanidade espiritual nos faz estar em guerra entre nós, numa busca estéril de poder, prestígio, prazer ou segurança económica. E isso à custa dos mais pobres, dos mais excluídos, dos mais indefesos, daqueles que não perdem a sua dignidade, mesmo tendo-a golpeada a cada dia.

Esta unidade já é uma ação missionária «para que o mundo creia». A evangelização não consiste em fazer proselitismo – o proselitismo é uma caricatura da evangelização –, mas evangelizar consiste em atrair os afastados com o nosso testemunho, em aproximar-se humildemente daqueles que se sentem longe de Deus na Igreja, aproximar-se daqueles que se sentem julgados e condenados a priori por aqueles que se sentem perfeitos e puros. Aproximar-nos daqueles que têm medo ou dos indiferentes, para lhes dizer: «O Senhor também te chama para seres parte do seu povo, e fá-lo com grande respeito e amor» ([EG 113](#)). Porque o nosso Deus nos respeita mesmo nas nossas baixezas e no nosso pecado. Com quanta humildade e com quanto respeito o texto do Apocalipse descreve esta chamada do Senhor: «Eis que estou à porta, e bato» Queres abrir? Jesus não força, não faz

saltar a fechadura, simplesmente “toca a campainha”, bate suavemente e espera. Este é o nosso Deus!

A missão da Igreja, enquanto sacramento da salvação, condiz com a sua identidade de povo em caminho, com a vocação de incorporar na sua marcha todas as nações da terra. Quanto mais intensa for a comunhão entre nós, tanto mais sairá favorecida a missão (cf. João Paulo II, [Pastores gregis](#), 22). Colocar a Igreja em estado de missão pede-nos para recriarmos a comunhão, pois já não se trata duma acção voltada só para fora; fazemos missão também para dentro e missão para fora, manifestando-nos como se manifesta uma «mãe que vai ao encontro», como se manifesta «uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária» (Aparecida 370).

Este sonho de Jesus é possível, porque nos consagrou: «Totalmente Me consagro - diz - para que também eles sejam consagrados por meio da Verdade». A vida espiritual do evangelizador nasce desta verdade tão profunda, que não se confunde com uns poucos momentos religiosos que proporcionam algum alívio; uma espiritualidade talvez superficial. Jesus consagra-nos, para suscitar um encontro com Ele, de pessoa a pessoa, um encontro que alimenta o encontro com os outros, o compromisso no mundo e a paixão evangelizadora (cf. [EG 78](#)).

A intimidade de Deus, incompreensível para nós, é nos revelada através de imagens que nos falam de comunhão, comunicação, doação, amor. Por isso a união, que Jesus pede, não é uniformidade, mas a «multiforme harmonia que atrai» ([EG 117](#)). A imensa riqueza da variedade, da multiplicidade que alcança a unidade todas as vezes que fazemos memória daquela Quinta-feira Santa, afasta-nos de tentações de propostas unionistas mais próximas de ditaduras, de ideologias ou de sectarismos. A proposta de Jesus é concreta, não é de ideia. É concreta: “- vai e faz o mesmo”, disse Jesus para aquele homem que lhe perguntara: - Quem é o teu próximo? Depois de ter contado a parábola do bom samaritano, Jesus disse: “- vai e faz o mesmo”.

A proposta de Jesus também não é um arranjo feito à nossa medida, no qual ditamos as condições, escolhemos alguns membros e excluimos os outros. Esta religiosidade de elite... Jesus reza para que façamos parte duma grande família, na qual Deus é nosso Pai, todos nós somos irmãos. Ninguém é excluído e isto não se fundamenta no facto de ter os mesmos gostos, as mesmas preocupações, os

mesmos talentos. Somos irmãos, porque Deus nos criou por amor e, por pura iniciativa d'Ele, nos destinou para sermos seus filhos (cf. Ef 1, 5). Somos irmãos, porque «Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “Abbà! – Pai!”» (Gl 4, 6). Somos irmãos, porque, justificados pelo sangue de Cristo Jesus (cf. Rm 5, 9), passamos da morte à vida, fazendo-nos «co-herdeiros» da promessa (cf. Gl 3, 26-29; Rm 8, 17). Esta é a salvação que Deus realiza e a Igreja alegremente anuncia: fazer parte dum «nós» que chega até o «nós» divino.

O nosso grito, neste lugar que lembra aquele primeiro da liberdade, actualiza o grito de São Paulo: «Ai de mim, se eu não evangelizar!» (1 Cor 9, 16). É tão urgente e premente como o daqueles desejos de independência. Possui fascínio semelhante, possui o mesmo fogo que atrai. Irmãos, tende os mesmos sentimentos de Jesus: Sede um testemunho de comunhão fraterna que se torne resplandecente!

E que belo seria se todos pudessem admirar como nos preocupamos uns pelos outros; como mutuamente nos animamos e fazemos companhia. É o dom de si que estabelece a relação interpessoal; esta não se gera dando «coisas», mas dando-se a si mesmo. Em qualquer doação, é a própria pessoa que se oferece. «Dar-se» significa deixar atuar em si mesmo toda a força do amor que é o Espírito de Deus e, assim, dar lugar à sua força criadora. E dar-se mesmo nos momentos mais difíceis, como naquela Quinta-feira Santa de Jesus, quando Ele sabia como se teciam as traições e as intrigas, mas deu-se, deu-se a nós com o seu projecto de salvação. Dando-se, o homem volta a encontrar-se a si mesmo com a verdadeira identidade de filho de Deus, semelhante ao Pai e, como Ele, doador de vida, irmão de Jesus, de Quem dá testemunho. Isto é evangelizar, esta é a nossa revolução – porque a nossa fé é sempre revolucionária – este é o nosso grito mais profundo e constante.

Palavras improvisadas ao final da missa no Parque Bicentenário:

Queridos irmãos, Agradeço-vos por esta concelebração, por ter-nos reunidos junto do Altar do Senhor, que nos pede que sejamos um, que sejamos verdadeiramente irmão, que a Igreja seja uma casa de irmãos. Que Deus vos abençoe e peço-vos que não vos esqueçais de rezar por mim.

Discurso do Papa Francisco Pontifícia Universidade Católica, Quito Terça-feira, 7 de Julho de 2015

Senhor Reitor,

Distintas Autoridades,

Queridos professores e alunos,

Amigos e amigas!

Sinto uma grande alegria por estar convosco, nesta tarde, na Pontifícia Universidade do Equador, que, desde há quase 70 anos, cumpre e atualiza a fecunda missão educativa da Igreja ao serviço dos homens e mulheres desta nação. Agradeço as amáveis palavras com que me receberam e transmitiram as preocupações e as esperanças que vos surgem ao enfrentar o desafio, pessoal e social, da educação.

No Evangelho, acabamos de ouvir como Jesus, o Mestre, ensinava a multidão e o pequeno grupo dos discípulos, adaptando-se à sua capacidade de compreensão. Fazia-o com parábolas, como a do semeador (Lc 8, 4-15), de forma que todos pudessem entender. Jesus não procura «doutorear»; pelo contrário, quer chegar ao coração do homem, à sua inteligência, à sua vida, para que esta dê fruto.

A parábola do semeador fala-nos de cultivar. Mostra-nos os tipos de terra, os tipos de semente, os tipos de fruto e a relação que se gera entre eles. Já desde o Gênesis, Deus sussurra ao homem este convite: cultivar e cuidar.

Não se limita a conceder-lhe a vida; dá-lhe a terra, a criação. Não só lhe dá uma companheira e infinitas possibilidades; mas faz-lhe também um convite, dá-lhe uma missão. Convida-o a participar na sua obra criadora, dizendo: cultiva! Dou-te as sementes, a terra, a água, o sol; dou-te as tuas mãos e as dos teus irmãos. Aqui o tens; também é teu. É um presente, um dom, uma oferta. Não é algo de adquirido, comprado; mas antecede-nos e ficará depois de nós.

É um presente dado por Deus para, juntamente com Ele, podermos fazê-lo nosso. Deus não quer uma criação para Si, para Se ver a Si mesmo. Muito pelo contrário! A criação é um dom para ser partilhado. É o espaço que Deus nos dá, para construir conosco, para construir um nós. O mundo, a história, o tempo é o lugar onde vamos construindo o nós com Deus, o nós com os outros, o nós com a terra. A nossa vida

encerra sempre este convite, um convite mais ou menos consciente que sempre permanece.

Mas notemos uma peculiaridade. Na narração do Génesis, ao lado da palavra cultivar, aparece imediatamente outra: cuidar. Uma explica-se a partir da outra. Andam de mãos dadas. Não cultiva quem não cuida, e não cuida quem não cultiva.

Somos convidados não só a participar na obra criadora cultivando-a, fazendo-a crescer, desenvolvendo-a, mas também a cuidá-la, protegê-la, guardá-la. Hoje, este convite impõe-se nos forçosamente. Já não como uma mera recomendação, mas como uma necessidade devido ao «mal que provocamos [à terra] por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. (...) Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada» (LS 2).

Existe uma relação entre a nossa vida e a da nossa mãe terra; entre a nossa existência e o dom que Deus nos deu. «O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social» (LS 48). Ora, tal como dizemos que «se degradam», assim também podemos dizer que «se apoiam e podem transfigurar». É uma relação que encerra uma possibilidade tanto de abertura, transformação e vida, como de destruição e morte.

Uma coisa é clara! Não podemos continuar a desinteressar-nos da nossa realidade, dos nossos irmãos, da nossa mãe terra. Não nos é lícito ignorar o que está a acontecer ao nosso redor, como se determinadas situações não existissem ou não tivessem nada a ver com a nossa realidade.

Não cessa de ecoar, com força, esta pergunta de Deus a Caim: «Onde está o teu irmão?» Eu me interrogo se a nossa resposta continuará a ser: «Sou, porventura, guarda de meu irmão?» (Gn 4, 9).

Eu vivo em Roma e no inverno faz frio. Aconteceu muito próximo ao Vaticano, um idoso que morreu de frio. Isso não foi notícia nos jornais diários: um pobre que morre de fome e frio. Contudo se todas as bolsas económicas caem um ou dos três pontos é um desastre mundial. Pergunto: onde está seu irmão? Peço a todos que façam essa pergunta, onde está seu irmão?

Neste contexto universitário, seria bom interrogarmo-nos sobre a nossa educação a respeito desta terra que clama ao céu.

Os nossos centros educativos são uma sementeira, uma possibilidade, terra fértil que devemos cuidar, estimular e proteger. Terra fértil, sedenta de vida.

Convosco, educadores, eu me interrogo: Velais pelos vossos alunos, ajudando-os a desenvolver um espírito crítico, um espírito livre, capaz de cuidar do mundo atual? Um espírito que seja capaz de procurar novas respostas para os múltiplos desafios que a sociedade nos coloca? Sois capazes de os estimular para não se desinteressarem da realidade que os rodeia? Como entra, nos currículos universitários ou nas diferentes áreas do trabalho educativo, a vida que nos rodeia com as suas perguntas, interpelações, controvérsias? Como geramos e acompanhamos o debate construtivo que nasce do diálogo em prol de um mundo mais humano?

Há uma reflexão que nos envolve a todos, famílias, centros educativos, professores: Como ajudamos os nossos jovens a não olhar um grau universitário como sinónimo de maior posição, dinheiro, prestígio social? Ajudamos a ver esta preparação como sinal de maior responsabilidade perante os problemas de hoje, perante o cuidado do mais pobre, perante o cuidado do meio ambiente?

E convosco, queridos jovens, presente e futuro do Equador, semente de transformação desta sociedade, gostaria de me interrogar: Sabeis que este tempo de estudo não é só um direito, mas um privilégio que tendes? Quantos amigos, conhecidos ou desconhecidos, queriam ter um lugar nesta casa, mas, por várias circunstâncias, não conseguiram? Em que medida o nosso estudo nos ajuda a ser solidários com eles.

As comunidades educativas têm um papel fundamental, essencial na construção da cidadania e da cultura. Não basta realizar análises, descrições da realidade; é necessário gerar as áreas, espaços de verdadeira pesquisa, debates que gerem alternativas para as problemáticas especialmente de hoje.

Perante a globalização do paradigma tecnocrático que tende a «crer que toda a aquisição de poder seja simplesmente progresso, aumento de segurança, de utilidade, de bem-estar, de força vital, de plenitude de valores, como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia» (LS 105), é-nos pedido, com urgência, que nos animemos a pensar, a debater sobre a nossa situação atual, sobre o tipo de cultura

que queremos ou pretendemos não só para nós, mas também para os nossos filhos, para os nossos netos. Esta terra, recebemo-la como herança, como um dom, como um presente. Far-nos-á bem interrogarmo-nos: Como queremos deixá-la? Qual é a orientação, o sentido que queremos dar à existência? Com que finalidade passamos por este mundo? Para que lutamos e trabalhamos? (LS 160).

As iniciativas individuais são sempre boas e fundamentais, mas é-nos pedido para dar um passo mais: animar-nos a olhar a realidade organicamente e não de forma fragmentária; a fazer perguntas que nos envolvam a todos, uma vez que «tudo está interligado» (LS 138).

Como Universidade, como centros educativos, como professores e estudantes, a vida desafia-vos a responder a esta pergunta: Para que precisa de nós esta terra? Onde está o teu irmão?

Que o Espírito Santo nos inspire e acompanhe, pois foi Ele que nos convocou, convidou, deu a oportunidade e, por sua vez, a responsabilidade de dar o melhor de nós mesmos. Oferece-nos a força e a luz de que precisamos. É o mesmo Espírito que, no primeiro dia da criação, pairava sobre as águas com a vontade de transformar, de dar vida. É o mesmo Espírito que deu aos discípulos a força do Pentecostes. É o mesmo Espírito que não nos abandona, fazendo-se um conosco para encontrarmos caminhos de vida nova. Seja Ele o nosso companheiro e nosso mestre de viagem! Muito obrigado.

Discurso à sociedade civil Quito Terça-feira, 07 de julho de 2015

Queridos amigos!

Boa tarde. Peço que me perdoeis por colocar-me de costas, mas necessito da luz sobre o papel; não vejo bem...Rejubilo por estar convosco, homens e mulheres que representais e dinamizais a vida social, política e econômica do país.

Mesmo antes de entrar na igreja, o Senhor Prefeito entregou-me as chaves da cidade. Deste modo, posso dizer que aqui, em San Francisco de Quito, sou de casa. A vossa prova de confiança e carinho, ao abrir-me as portas, permite-me apresentar-vos algumas chaves da convivência cívica a começar da vida familiar.

A nossa sociedade ganha, quando cada pessoa, cada grupo social se sente verdadeiramente de casa. Numa família, os pais, os avós, os filhos são de casa; ninguém fica excluído. Se alguém tem uma dificuldade, mesmo grave, ainda que seja por culpa dele, os outros correm em sua ajuda, apoiam-no; a sua dor é de todos. Não deveria ser assim também na sociedade? E, no entanto, as nossas relações sociais ou o jogo político baseiam-se muitas vezes na luta, no descarte. A minha posição, a minha ideia, o meu projeto consolidam-se, se for capaz de vencer o outro, de me impor. Isto é ser família? Nas famílias, todos contribuem para o projeto comum, todos trabalham para o bem comum, mas sem anular o indivíduo; pelo contrário, sustentam-no, promovem-no. As alegrias e as penas de cada um são assumidas por todos. Isto é ser família! Oh se pudéssemos ver o adversário político, o vizinho de casa com os mesmos olhos com que vemos os filhos, esposas ou maridos, pais ou mães. Amamos a nossa sociedade? Amamos o nosso país, a comunidade que estamos tentando construir? Amamo-la nos conceitos proclamados, no mundo das ideias? Amemo-la mais com as obras do que com as palavras! Em cada pessoa, em sua situação concreta, na vida que compartilhamos. O amor tende sempre à comunicação; nunca ao isolamento.

A partir deste afeto, surgirão gestos simples que fortalecem os vínculos pessoais. Já em várias ocasiões, me referi à importância da família como célula da sociedade. No âmbito familiar, as pessoas recebem os valores fundamentais do amor, da fraternidade e do respeito mútuo, que se traduzem em valores sociais fundamentais: a gratuidade, a solidariedade e a subsidiariedade.

Para os pais, todos os filhos, embora cada um tenha a sua índole própria, são igualmente adoráveis. Mas, quando a criança se nega a partilhar o que recebe gratuitamente deles, quebra esta relação. O amor dos pais ajuda-o a sair do seu egoísmo, para que aprenda a viver com os demais, a ceder para se abrir ao outro. No âmbito social, isto supõe assumir que a gratuidade não é complementar, mas requisito necessário da justiça. O que somos e temos foi-nos confiado para o colocarmos ao serviço dos outros; a nossa tarefa é fazer com

que frutifique em boas obras. Os bens estão destinados a todos e, embora uma pessoa ostente o seu título de propriedade, sobre eles pesa uma hipoteca social. Assim o conceito econômico de justiça, baseado no princípio de compra-venda, é superado pelo conceito de justiça social, que defende o direito fundamental da pessoa a uma vida digna. A exploração dos recursos naturais, tão abundantes no Equador, não deve apostar no benefício imediato. Ser administradores desta riqueza que recebemos compromete-nos com a sociedade no seu conjunto e com as gerações futuras, às quais não poderemos legar este patrimônio sem o devido cuidado do meio ambiente, sem uma consciência de gratuidade que brota da contemplação do mundo criado. Hoje estão aqui connosco irmãos dos povos indígenas da Amazônia Equatoriana; esta área é das «mais ricas em variedade de espécies, em espécies endêmicas, raras ou com menor grau de efetiva proteção. (...) Requerem um cuidado particular pela sua enorme importância para o ecossistema mundial [pois têm] uma biodiversidade de enorme complexidade, quase impossível de conhecer completamente, mas quando estas florestas são queimadas ou derrubadas para desenvolver cultivos, em poucos anos perdem-se inúmeras espécies, ou tais áreas transformam-se em áridos desertos» (cf. LS 37-38). Lá o Equador – juntamente com os outros países detentores de franjas amazônicas – tem uma oportunidade para exercer a pedagogia duma ecologia integral. Recebemos o mundo como herança dos nossos pais, mas também como empréstimo das gerações futuras, a quem o temos de devolver.

Da fraternidade vivida na família, nasce a solidariedade na sociedade, que não consiste apenas em dar ao necessitado, mas em sermos responsáveis uns dos outros. Se virmos no outro um irmão, ninguém pode ficar excluído, marginalizado.

O Equador, como muitos povos latino-americanos, passa hoje por profundas mudanças sociais e culturais, novos desafios que requerem a participação de todos os atores sociais. A emigração, a concentração urbana, o consumismo, a crise da família, a falta de trabalho, as bolsas de pobreza produzem incerteza e tensões que constituem uma ameaça para a convivência social. As normas e as leis, bem como os projetos da comunidade civil, devem procurar a inclusão, abrir espaços de diálogo, de encontro e, assim, deixar como uma triste recordação qualquer tipo de repressão, de controle excessivo e a perda de liberdade. A esperança dum futuro melhor passa por oferecer oportunidades reais aos cidadãos, especialmente aos jovens, criando emprego, com um crescimento econômico que chegue a todos e não se fique pelas estatísticas macroeconômicas, com um desenvolvimento sustentável que gere um tecido social firme e bem coeso.

Por fim, o respeito pelo outro que se aprende na família traduz-se, na esfera social, em subsidiariedade. Assumir que a nossa opção não é necessariamente a única legítima é um sadio exercício de humildade. Ao reconhecer a parte boa que há nos outros, mesmo com as suas limitações, vemos a riqueza que encerra a diversidade e o valor da complementaridade. Os homens, os grupos têm direito de percorrer o seu caminho, ainda que isso às vezes suponha cometer erros. No respeito da liberdade, a sociedade civil é chamada a promover cada pessoa e agente social, para que possa assumir o seu papel e

contribuir, a partir da sua especificidade, para o bem comum. O diálogo é necessário, fundamental para chegar à verdade, que não pode ser imposta, mas procurada com sinceridade e espírito crítico. Numa democracia participativa, cada uma das forças sociais, os grupos indígenas, os afro-equatorianos, as mulheres, os grupos de cidadãos e quantos trabalham para a comunidade nos serviços públicos são protagonistas imprescindíveis neste diálogo. No-lo dizem com a maior eloquência as paredes, pátios e claustros deste lugar: baseada sobre elementos da cultura Inca e Caranqui, a beleza das suas proporções e formas, o arrojo dos seus diferentes estilos combinados de modo notável, as obras de arte designadas pelo nome de «escola quitenha», condensam um longo diálogo, com sucessos e fracassos, da história equatoriana. O hoje está cheio de beleza, e se é verdade que no passado houve erros e abusos – como negá-lo? – podemos afirmar que a amálgama irradia tanta exuberância que nos permite olhar o futuro com muita esperança.

Também a Igreja quer colaborar na busca do bem comum, com as suas atividades sociais e educativas, promovendo os valores éticos e espirituais, sendo um sinal profético que leve um raio de luz e esperança a todos, especialmente aos mais necessitados.

Muito obrigado por estarem aqui, por me ouvirem. Peço-vos, por favor, que levem as minhas palavras de encorajamento aos grupos que representais nas distintas esferas sociais. O Senhor conceda, à sociedade civil que representais, ser esse campo propício onde se vivam estes valores.

Discurso do Papa ao clero e religiosos em Quito Quarta-feira, 8 de Julho de 2015

Bom dia, irmãos e irmãs

Nestes dois dias, 48 horas, que tive contacto convosco, notei que havia algo estranho – perdão – algo estranho no povo equatoriano. Onde quer que vá, a recepção é sempre alegre, feliz, amigável, religiosa, piedosa, em todos os lugares. Mas no que se refere à piedade, no modo, por exemplo, de pedir a bênção do mais idoso ao wawa, a primeira coisa que se aprende é fazer este gesto [de unir as mãos]. Havia algo diferente, e eu também tive a tentação, como o bispo de Sucumbíos, de perguntar: Qual é a receita deste povo? Qual é? E fiquei dando voltas na minha cabeça e rezava; Perguntei a Jesus várias vezes na oração: O que tem este povo de diferente? E esta manhã, orando, lembrei-me da consagração ao Sagrado Coração.

Eu acho que devo transmiti-lo como uma mensagem de Jesus: Toda essa riqueza que tendes, riqueza espiritual, piedade, profundidade, vem de ter tido a coragem – porque eram tempos muito, muito difíceis –, a coragem de consagrar a nação ao Coração de Cristo, esse coração divino e humano que nos ama tanto. E noto-vos um pouco com isso: divinos e humanos. Claro que sois pecadores, eu também... mas o Senhor perdoa tudo. Protegeei esta realidade! E então, alguns anos depois, veio a consagração ao Coração de Maria. Não vos esqueçais: essa consagração é um marco na história do povo do Equador e percebo como que essa graça que tendes, essa piedade, essa realidade que vos torna diferentes, vem dessa consagração.

Hoje eu tenho que falar aos sacerdotes, seminaristas, religiosos, religiosas e dizer-vos alguma coisa. Tenho um discurso preparado, mas não quero lê-lo. Portanto, eu o entrego ao Presidente da Conferência dos Religiosos para torná-lo público mais tarde.

E eu pensava na Virgem, pensava em Maria. Há duas palavras de Maria – agora a memória está falhando-me –, não sei se ela disse outra palavra: «Faça-se em mim». Bem, de facto, Ela pediu uma explicação ao anjo sobre por que a tinham escolhido. Mas, mesmo assim, Ela diz: «Faça-se em mim». E outra palavra: «Fazei o que Ele vos disser». Maria não protagonizou coisa alguma. Ele discipulou a vida inteira. A primeira discípula de seu Filho. E Ela tinha consciência de que tudo o que possuía era puro dom de Deus. A consciência da gratuidade. Por isso, «Faça-se» e «fazei», que se manifeste a gratuidade de Deus. Religiosas, religiosos, sacerdotes, seminaristas, todos os dias, voltaí, fazei este caminho de volta para a gratuidade com que Deus vos escolheu. Vós não pagastes a entrada para entrar no seminário, para entrar na vida religiosa. Vós não o merecestes. Se algum

religioso, sacerdote ou seminarista ou uma freira que está aqui acredita que o merecia, que levante a mão. Tudo é gratuito. E a vida inteira de um religioso, de uma religiosa, de um sacerdote e de um seminarista tem de ir por este caminho – e, já que estamos aqui, digamos também –, a vida dos bispos têm de ir por este caminho da gratuidade, voltar todos os dias: «Senhor, hoje eu fiz isso; aquilo deu certo; tive esta dificuldade; todas essas coisas eu fiz, mas ... tudo vem de Ti, tudo é de graça». Essa gratuidade. Somos objecto da gratuidade de Deus. Se esquecermos disso, pouco a pouco, vamos nos considerando importantes para nós. E assim «Veja só o fulano, quantas obras está fazendo» ou «Veja só, fizeram a este outro bispo... como é importante, este aqui, fizeram-no monsenhor, ou a este tal...». E assim lentamente vamo-nos afastando daquilo que é a base, daquilo que Maria nunca se afastou: a gratuidade de Deus. Um conselho de irmão: todos os dias, à noite quando poderia ser melhor, antes de ir dormir, olhes para Jesus e diz-lhe: «Deste-me tudo de graça», e volta a situar-te. Assim, quando me mudarem de destino, ou quando houver uma dificuldade, não reclamo, porque tudo é gratuito, eu não mereço nada. Isso foi o que fez Maria.

[São João Paulo II](#), na [Redemptoris Mater](#) – que recomendo que leiais; sim, tendê-la em mãos, tende-a. É verdade, o [Papa São João Paulo II](#) tinha um estilo de pensamento circular, de professor, mas era um homem de Deus; então é preciso lê-la várias vezes para poder obter todo o suco que está contido nela – e ele diz que Maria – não me lembro bem a frase, estou a citar, mas o que eu quero é mencionar o facto – no momento da cruz da sua fidelidade poderia ter querido dizer: «E falaram-me que Ele [Jesus] iria salvar Israel! Enganaram-me!». Ela não o disse. Nem se permitiu pensar nisso, porque era a mulher que sabia que tinha recebido tudo gratuitamente. Um conselho de irmão e de pai: todas as noites pai voltai a situar-vos na gratuidade. E dizei: «Faça-se. Obrigado por tudo que Tu me deste».

A segunda coisa que eu queria dizer é que cuideis da saúde, mas acima de tudo, que cuideis para não cair numa doença, uma doença que é meio perigosa, ou melhor, que é inteiramente perigosa para nós, aqueles que o Senhor chamou gratuitamente para O seguir ou servir. Não caiais no Alzheimer espiritual; não percais a memória, especialmente a memória de onde eu fui tirado. Pensemos na cena de quando o profeta Samuel foi enviado para ungir o rei de Israel: vai a Belém, até à casa de um senhor chamado Jessé, que tem de 7 ou 8 filhos -não sei bem –, e Deus lhe diz que entre estes filhos estará o rei. E, claro, ele os vê e diz: «Deve ser este», porque o mais velho era alto, grande, bonito, bem apresentado, parecia valente... E Deus o diz: «Não, não é este». O olhar de Deus é diferente daquele dos homens. E assim fez passar todos os filhos de Jessé e Deus o diz: «Não, não é». E o profeta se encontra sem saber o que fazer; e em seguida, pergunta a Jessé: «Então, não tens outro filho?». E ele responde: "Sim, há o menor que está a cuidar das cabras e das ovelhas». «Mande-o chamar» e eis que vem o rapazinho, que devia ter entre 17 e 18 anos – não sei bem – e Deus o diz: «É este». Tiraram-no do cuidado do rebanho. E outro profeta,

quando Deus lhe diz para fazer certas coisas como um profeta, contesta: «Mas quem sou eu, se fui tirado do cuidado do rebanho». Não vos esqueçais de onde fostes tirados. Não renegueis as raízes.

Vê-se que São Paulo intuía este perigo de perder a memória e ao seu filho mais querido, o bispo Timóteo, a quem ordenara, lhe dá conselhos pastorais, entre os quais há um que toca o coração: «Não te esqueças da fé que tinham a tua avó e tua mãe», o que significa dizer: «Não te esqueças de onde te tiraram, não te esqueças das tuas raízes, não te sintas promovido». A gratuidade é uma graça que não pode conviver com a promoção e, quando um sacerdote, um seminarista, um religioso, uma religiosa entra na carreira – não o digo por mal, na carreira humana – começa a ficar doente de Alzheimer espiritual e começa a perder memória de onde foi tirado.

Dois princípios para vós sacerdotes, consagrados e consagradas: todos os dias renovai o sentimento de que tudo é gratuito, o sentimento de gratuidade na eleição de cada um de vós – ninguém entre nós a merece – e peçais a graça de não perder a memória, de não sentir-se mais importante. É muito triste quando alguém vê um sacerdote ou um consagrado, consagrada, que na sua casa falava o dialecto ou falava outra língua, uma dessas nobres línguas antigas que os povos têm – o Equador possui muitas – e é muito triste quando essa pessoa esquece a língua; é muito triste quando essa pessoa não quer falar nessa língua. Isso significa que se esqueceram de onde foram tirados. Não vos esqueçais disso, pedi a graça da memória, são estes os dois princípios que eu queria destacar.

E estes dois princípios, se os viveis – mas todos os dias, trata-se de um trabalho diário, todas as noites lembrai destes dois princípios e pedi a graça – se viveis estes dois princípios, os vivereis por meio de duas atitudes.

Em primeiro lugar, o serviço. Deus me escolheu, me tirou de algum lugar. Para quê? Para servir. E servir num serviço que me é peculiar. «Mas eu devo ter o meu tempo... devo fazer essa coisa... não posso..., que eu já estou por fechar a secretaria... sim é verdade que eu tinha que ir abençoar as casas mas... não posso, estou cansado...» ou – aqui falo com as freirinhas: «hoje se transmite uma bela telenovela na televisão...». Serviço, servir, servir, e não fazer outra coisa, e servir quando estamos exaustos e servir quando as pessoas nos cansam.

Dizia-me um velho padre, que por toda a sua vida foi professor em colégios e na universidade, leccionava literatura, letras, era um génio... Quando se aposentou, pediu ao provincial de envia-lo para um bairro pobre, um desses bairros formados de pessoas que vêm, que migram à procura de trabalho, pessoas muito simples. E este religioso, uma vez

por semana, ia para a sua comunidade religiosa e conversava; ele era muito inteligente. E a comunidade era uma comunidade de faculdade de teologia; Ele falava com os outros sacerdotes da teologia no mesmo nível, mas um dia ele disse a um deles: «Vós que sois [professores]... Quem aqui dá aulas sobre o tratado da Igreja? O professor levanta a mão: «Sou eu». «Faltam duas teses no teu tratado». «Quais?». «Que o santo Povo fiel de Deus é essencialmente olímpico, ou seja, faz o que quer, e ontologicamente cansativo». E isso tem muita sabedoria, porque quem vai pelo caminho do serviço deve deixar-se cansar sem perder a paciência, porque está ao serviço, nenhum momento lhe pertence. Devo estar para servir, servir naquilo que devo fazer, servir diante do sacrário, pedindo pelo meu povo, pedindo pelo meu trabalho, pelas pessoas que Deus me confiou.

Serviço, misture-o com a gratuidade e então... [se viverá] aquilo que Jesus disse: «O que de graça recebestes, de graça deveis dar». Por favor, por favor, não cobrem a graça; por favor, que a nossa pastoral seja gratuita. É muito feio quando alguém vai perdendo esse sentido de gratuidade... Sim, faz coisas boas, mas perdeu esse sentido.

E a segunda atitude que se nota em um consagrado, uma consagrada, um sacerdote que vive esta gratuidade e esta memória – estes dois princípios dos quais falei ao início, memória e gratuidade – é o júbilo e a alegria. E isso é um dom de Jesus, e é um dom que Ele dá, que Ele nos dá se o pedimos e se não nos esqueçamos daquelas duas colunas da nossa vida sacerdotal ou religiosa, que são o sentido da gratuidade, renovado todos os dias, e não percamos a memória de onde nos tiraram.

Desejo-vos isso. «Sim, Padre, tu nos falaste que a receita do nosso povo talvez fosse... que somos assim por causa da consagração ao Sagrado Coração». Sim, isso é verdade, mas eu vos proponho outra receita, que está na mesma linha, na mesma linha do Coração de Jesus: um sentido de gratuidade. Ele fez-se nada, abaixou-se, humilhou-se, fez-se pobre para nos enriquecer com a sua pobreza. Pura gratuidade. E sentido de memória... e fazemos memória das maravilhas que o Senhor fez na nossa vida.

Que o Senhor vos conceda esta graça a todos, nos conceda a todos nós que estamos aqui, e que continue – estava por dizer “a premiar” – que continue a abençoar este povo equatoriano a quem tendes que servir e sois chamados a servir. Que Deus continue a abençoá-lo com essa peculiaridade tão especial que eu notei desde o início, ao chegar aqui. Que Jesus vos abençoe e a Virgem Maria vos cuide.

Rezemos juntos ao Pai, que nos deu tudo gratuitamente, que nos mantém a memória de Jesus conosco. [Pai Nosso ...] Que o Deus Todo-Poderoso vos abençoe, Pai, Filho e Espírito Santo. E, por favor, por favor, peço-vos que rezeis por mim, porque eu também

sinto muitas vezes a tentação de me esquecer da gratuidade com a qual Deus me escolheu e de esquecer-me de onde me tiraram. Pedi por mim.

Discurso preparado pelo Santo Padre:

Queridos irmãos e irmãs!

Trago aos pés de Nossa Senhora de Quinche o que vivi nestes dias da minha visita; quero deixar no seu Coração os idosos e doentes com quem acabo de partilhar alguns momentos na casa das Irmãs da Caridade, bem como todos os outros encontros anteriores. Deixo-os no Coração de Maria, mas também os deposito no vosso coração: sacerdotes, religiosos e religiosas, seminaristas, para que, chamados a trabalhar na vinha do Senhor, sejais guardiões de tudo o que este povo do Equador vive por entre lágrimas e alegrias.

A D. Lazzari, ao Padre Mina e à Irmã Sandoval agradeço as suas palavras, que me dão motivo para partilhar com todos vós algumas coisas relativas à nossa solicitude comum pelo Povo de Deus.

No Evangelho, o Senhor convida-nos a aceitar a missão, sem pôr condições. É uma mensagem importante, que convém não esquecer, ressoando, com um acento especial, neste Santuário dedicado à Virgem da Apresentação. Maria é exemplo de discípula para nós, que, como Ela, recebemos uma vocação. A sua resposta confiante – «faça-se em mim segundo a tua palavra» – lembra-nos as suas palavras nas bodas de Caná: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5). O seu exemplo é um convite a servir como Ela.

Na Apresentação da Virgem, podemos encontrar algumas sugestões para a nossa própria chamada. A Virgem Menina foi um presente de Deus para os seus pais e para todo o povo, que esperava a libertação. É um facto que se repete frequentemente na Escritura: Deus responde ao clamor do seu povo, enviando uma criança, frágil, destinada a trazer a salvação e que, ao mesmo tempo, restaura a esperança de uns pais idosos. A palavra de Deus diz-nos que, na história de Israel, os juízes, os profetas, os reis são um presente do Senhor para fazer chegar a sua ternura e misericórdia ao seu povo. São sinal de gratuidade de Deus: foi Ele quem os elegeu, escolheu e destinou. Isto afasta-nos da auto-referencialidade, faz-nos compreender que já não nos pertencemos, que a nossa vocação requer que nos afastemos de todo o egoísmo, de toda a busca de lucro material ou compensação afectiva, como nos disse o Evangelho. Não somos mercenários, mas servidores; viemos, não para ser servidos, mas para servir, fazendo-o com desprendimento total, sem bastão nem bolsa.

Algumas tradições sobre a invocação de Nossa Senhora de Quinche dizem-nos que Diego de Robles fez a imagem por encomenda dos índios Lumbicí. Diego não a fez por devoção, fê-la para tirar proveito econômico. Como não lhe puderam pagar, levou-a a Oyacachi e trocou-a por tábuas de cedro. Mas Diego negou-se a atender o pedido daquele povo para que lhes fizesse também um altar para a imagem, até que, caindo do cavalo, encontrou-se em perigo e sentiu a proteção da Virgem. Voltou à aldeia e fez o pedestal da imagem. Todos nós também já fizemos a experiência de um Deus que Se nos atravessa diante e que, na nossa realidade de caídos, derrubados, nos chama. Que a vanglória e o mundanismo não nos façam esquecer onde Deus nos resgatou! Que a Virgem Maria de Quinche nos faça descer dos postos de ambições, interesses egoístas, cuidados excessivos de nós mesmos!

A «autoridade», que os apóstolos recebem de Jesus, não é para seu próprio benefício: os nossos dons são para renovar e construir a Igreja. Não vos negueis a partilhar, não resistais a dar, não vos fecheis na comodidade; sede mananciais que transbordam e refrescam, especialmente a bem dos oprimidos pelo pecado, a desilusão, o rancor (cf. [EG 272](#)).

O segundo traço que me evoca a Apresentação da Virgem é a perseverança. Na sugestiva iconografia mariana desta festa, a Virgem Menina afasta-se de seus pais subindo a escadaria do Templo. Maria não olha para trás e, numa clara referência à advertência evangélica, caminha decididamente para diante. Nós, como os discípulos do Evangelho, também nos pusemos a caminho para levar a cada povo e lugar a boa nova de Jesus. A perseverança na missão implica não mudar de casa para casa, buscando onde nos tratem melhor, onde haja mais recursos e comodidades. Supõe unir a nossa sorte à de Jesus até ao fim. Alguns relatos das aparições da Virgem de Quinche dizem que uma «senhora com um menino nos braços» visitou várias tardes seguidas os indígenas de Oyacachi, quando estavam refugiados por causa do assédio dos ursos. Várias vezes veio Maria ao encontro dos seus filhos; eles não acreditaram nela, desconfiavam daquela senhora, mas admiravam a sua perseverança de voltar cada tarde ao pôr do sol. Saibamos perseverar, mesmo que nos rejeitem, ainda que se faça noite e cresçam a confusão e os perigos. Perseverar neste esforço, sabendo que não estamos sozinhos, que é o Povo Santo de Deus que caminha.

De certo modo podemos ver, na imagem da Virgem Menina subindo ao Templo, a Igreja que acompanha o discípulo missionário. Ao lado d'Ela, estão os seus pais, que Lhe transmitiram a memória da fé e agora, generosamente, A oferecem ao Senhor para que possa seguir o seu caminho; está a sua comunidade, representada no «séquito das virgens, suas companheiras», com as lâmpadas acesas (cf. Sal 44, 15), nas quais os Padres da Igreja viram uma profecia de todos os que, imitando Maria, procuram sinceramente ser amigos de Deus, e estão os sacerdotes que esperam para A receber e que nos lembram que, na Igreja, os pastores têm a responsabilidade de acolher com ternura e ajudar a discernir cada espírito e cada chamada.

Caminhemos juntos, sustentando-nos uns aos outros e peçamos, com humildade, o dom da perseverança ao serviço deles.

Nossa Senhora de Quinche foi ocasião de encontro, de comunhão, para este lugar que, desde os tempos dos Incas, se tornara uma povoação multi-étnica. Como é belo quando a Igreja persevera no seu esforço por ser casa e escola de comunhão, quando geramos aquilo a que me apraz chamar a cultura do encontro!

A imagem da Apresentação diz-nos que a Virgem Menina, depois de abençoada pelos sacerdotes, sentou-se nos degraus do altar e dançou a seus pés. Penso na alegria que se expressa nas imagens do banquete das núpcias, dos amigos do noivo, da noiva adornada com as suas jóias. É a alegria de quem descobriu um tesouro e vendeu tudo para o adquirir. Encontrar o Senhor, viver na sua casa, participar da sua intimidade compromete a anunciar o Reino e levar a salvação a todos. Cruzar os umbrais do Templo exige tornar-nos, como Maria, templos do Senhor e pôr-nos a caminho para O levarmos aos irmãos. A Virgem, como primeira discípula missionária, depois do anúncio do Anjo, partiu sem demora para uma cidade de Judá, a fim de partilhar esta alegria imensa, a mesma que fez São João Batista saltar no seio da sua mãe. Quem ouve a sua voz «salta de alegria» e torna-se, por sua vez, um pregoeiro da alegria. A alegria de evangelizar move a Igreja, fá-la sair como Maria.

Embora sejam múltiplas as razões que se invocam para a transferência do santuário de Oyacachi para este lugar, limito-me a uma: «aqui é e tem sido mais acessível, mais fácil para estar perto de todos». Assim o entendeu o arcebispo de Quito, Frei Luis Lopez de Solís, quando mandou edificar um Santuário capaz de atrair e acolher a todos. Uma Igreja em saída é uma Igreja que se aproxima, que desce para não estar distante, que sai da sua comodidade e ousa chegar a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho ([EG 20](#)).

Agora vamos regressar às nossas tarefas, solicitadas pelo Santo Povo que nos foi confiado. Entre elas, não esqueçamos de cuidar, animar e educar a devoção popular que experimentamos neste santuário e tão generalizada em muitos países latino-americanos. O povo fiel soube expressar a fé com a sua própria linguagem, manifestar os seus sentimentos mais profundos de dor, dúvida, alegria, fracasso, gratidão com várias formas de piedade: procissões, velas, flores, cânticos que se transformam numa bela expressão de confiança no Senhor e de amor à sua Mãe, que é também a nossa.

Em Quinche, a história dos homens e a história de Deus convergem na história duma mulher, Maria, e numa casa, a nossa casa, a irmã mãe terra. As tradições desta invocação falam dos cedros, dos ursos, da fenda na rocha que foi aqui a primeira casa da Mãe de Deus. Falam-nos no ontem de aves que rodearam o lugar e no hoje de flores que enfeitam

os arredores. As origens desta devoção levam-nos para tempos onde era mais simples «a harmonia serena com a criação (...), contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença não precisa de ser criada» ([Laudato si', 225](#)) e que Se nos manifesta no mundo criado, em seu amado Filho, na Eucaristia que permite aos cristãos sentirem-se membros vivos da Igreja e participarem activamente na sua missão (cf. Aparecida, 264), em Nossa Senhora de Quinche, que, a partir daqui, acompanhou os alvares do primeiro anúncio da fé aos povos indígenas. A Ela recomendamos a nossa vocação; que Ela faça de nós um presente para o nosso povo, que Ela nos dê a perseverança na entrega e a alegria de sair para levar o Evangelho de seu Filho Jesus – unidos aos nossos pastores – até aos confins, até às periferias do nosso querido Equador.

BOLÍVIA

Viagem Apostólica do Papa à Bolívia Discurso de boas vindas 8 de julho de 2015

Senhor Presidente,

Ilustres Autoridades,

Irmãos no Episcopado,

Queridos irmãos e irmãs!

No início desta visita pastoral, desejo dirigir a minha saudação a todos os homens e mulheres da Bolívia, com cordiais votos de paz e prosperidade. Agradeço ao Senhor Presidente do Estado Plurinacional da Bolívia a calorosa recepção que me deu e as suas amáveis palavras de boas-vindas. O meu agradecimento estende-se também aos Senhores Ministros e Autoridades do Estado, das Forças Armadas e da Polícia Nacional, que tiveram a bondade de me virem receber. Aos meus Irmãos no Episcopado, aos sacerdotes, religiosos, religiosas e fiéis cristãos, a toda a Igreja que peregrina na Bolívia, quero expressar-lhes os meus sentimentos de comunhão fraterna no Senhor. Reservo um lugar especial no coração para os filhos desta terra que, por várias razões, tiveram de procurar «outra terra» para os abrigar, outro lugar onde esta mãe os torne fecundos e possibilite a vida.

Sinto grande alegria por estar neste país de beleza singular, abençoado por Deus nas suas distintas áreas: o planalto, os vales, as terras amazônicas, os desertos, os lagos incomparáveis. É deste modo poético que o assinala o preâmbulo da vossa Constituição: «Em tempos imemoriais, ergueram-se montanhas, deslocaram-se rios, formaram-se lagos. A nossa Amazônia, o nosso pântano, o nosso planalto e as nossas planícies e vales cobriram-se de verdura e flores». Isto faz-me lembrar que «o mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor» (LS 12). Mas, acima de tudo, é uma terra abençoada nas suas gentes, com a sua diversificada realidade cultural e étnica, que constitui uma grande riqueza e um apelo permanente ao respeito mútuo e ao diálogo: povos nativos milenários e povos nativos contemporâneos. Quanta alegria nos dá saber que a língua castelhana, trazida para estas terras, convive agora com 36 idiomas nativos, amalgamando-se – como fazem o vermelho e o amarelo, nas flores nacionais de kantuta e patujú – para conferir beleza e unidade ao que é diverso. Nesta terra e neste povo, radicou-se fortemente o anúncio do Evangelho, que, ao longo dos anos, foi iluminando a sociedade, contribuindo para o desenvolvimento do povo e promovendo a cultura.

Venho, como hóspede e peregrino, para confirmar a fé dos crentes em Cristo ressuscitado, a fim de que todos nós que acreditamos n'Ele, enquanto peregrinamos nesta vida, sejamos testemunhas do seu amor, fermento de um mundo melhor e colaboremos na construção duma sociedade mais justa e solidária.

Nestes dias, gostaria de animar a vocação dos discípulos de Cristo que é comunicar a alegria do Evangelho, ser sal da terra e luz do mundo. A voz dos Pastores, que tem de ser profética, fala à sociedade em nome da Igreja Mãe, partindo da sua opção evangélica preferencial pelos últimos. A caridade fraterna, viva expressão do mandamento novo de Jesus, traduz-se em programas, obras e instituições que buscam a promoção integral da pessoa bem como o cuidado e a proteção dos mais vulneráveis. Não se pode crer em Deus Pai sem ver um irmão em cada pessoa, e não se pode seguir Jesus sem dar a vida por quem Ele morreu na cruz.

Numa época em que se tende frequentemente a esquecer ou distorcer os valores fundamentais, a família merece uma atenção especial dos responsáveis pelo bem comum, porque é a célula básica da sociedade, que fornece sólidos vínculos de união sobre os quais se baseia a convivência humana e, com a geração e educação dos filhos, garante a renovação da sociedade.

A Igreja sente também uma preocupação especial pelos jovens que, comprometidos com a sua fé e com grandes ideais, são uma promessa de futuro, «vigias que anunciam a luz da alvorada e a nova primavera do Evangelho» (João Paulo II, Mensagem para a XVIII Jornada Mundial da Juventude, 6). Cuidar das crianças e fazer com que a juventude se comprometa em ideais nobres é garantia de futuro para uma sociedade. Uma sociedade encontra a sua estabilidade quando valoriza, admira e salvaguarda os seus maiores; quando opta por gerar uma «cultura da memória» que garanta aos idosos não só a qualidade de vida nos seus últimos anos, mas também o carinho, como bem se exprime a vossa Constituição.

Senhor Presidente, queridos amigos, obrigado por estarem aqui! Estes dias permitir-nos-ão vários momentos de encontro, diálogo e celebração da fé. Faço-o com alegria, por estar nesta pátria que de si própria diz ser pacifista, que promove a cultura da paz e o direito à paz.

Coloco esta visita sob o amparo da Santíssima Virgem de Copacabana, Rainha da Bolívia, pedindo-Lhe que proteja todos os seus filhos. Muito obrigado e que o Senhor vos abençoe. Jallalla Bolívia!

Discurso ao presidente e autoridades civis La Paz, Bolívia Quarta-feira, 08 de Julho de 2015

Irmão Presidente,

Irmãos e irmãs,

Estou contente por este encontro convosco, autoridades políticas e civis da Bolívia, membros do Corpo Diplomático e pessoas relevantes do mundo da cultura e do voluntariado. Agradeço ao meu irmão Edmundo Abastoflor, Arcebispo desta Igreja de La Paz, a sua amável recepção. Peço vénia para poder cooperar, com algumas palavras de incentivo, na tarefa de cada um de vós, a que já realizais. E agradeço-vos pela cooperação que vós, com o vosso testemunho de recepção calorosa, me dais para que eu possa seguir adiante. Muito obrigado.

Todos nós aqui presentes, cada um à sua maneira, compartilhamos a vocação de trabalhar pelo bem comum. Há 50 anos, o Concílio Vaticano II definiu o bem comum como «o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição» ([Gaudium et spes](#), 26). Obrigado a vós por desejardes, cada qual a partir do próprio papel e missão, que as pessoas e a sociedade se desenvolvam, alcancem a sua perfeição. Tenho a certeza de que, no vosso afã pelo bem comum, buscais o belo, o verdadeiro e o bom. Que este esforço sempre ajude a crescer no respeito pela pessoa humana, enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral, a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança numa certa ordem, que não se realiza sem uma particular atenção à justiça distributiva (cf. [LS 157](#)). Que se distribua a riqueza, dito em modo simples.

No trajeto para a catedral, desde o aeroporto, pude admirar os cumes do Hayna Potosí e do Illimani, daquele «morro jovem» e do outro que indica «o lugar por onde sai o sol». Vi também como muitas casas e bairros, de forma artesanal, se confundiam com as encostas, e fiquei maravilhado com algumas obras da sua arquitetura. O ambiente natural e o ambiente social, político e económico estão intimamente relacionados. Isto impõe-nos estabelecer as bases duma ecologia integral – é um problema de saúde – uma ecologia integral que incorpore claramente todas as dimensões humanas na solução das graves questões socioambientais dos nossos dias; caso contrário, os glaciares desses mesmos montes continuarão a reduzir-se e a lógica da recepção, a consciência do mundo que queremos deixar aos que vierem depois de nós, a sua orientação geral, o seu sentido, os seus valores derreter-se-ão também como aqueles gelos (cf. [LS 159-160](#)). E é preciso

conscientizar-se disto. Ecologia integral - arrisco-me – supõe a ecologia da mãe terra, cuidar da mãe terra; a ecologia humana supõe cuidarmo-nos mutuamente; e ecologia social, forçando a palavra.

Dado que tudo está relacionado, precisamos uns dos outros. Se a política se deixa dominar pela especulação financeira, ou a economia se deixa reger apenas pelo paradigma tecnocrático e utilitarista da produção máxima, não poderão sequer compreender – e muito menos resolver – os grandes problemas que afetam a humanidade. Há necessidade também da cultura; dela faz parte não só o desenvolvimento da capacidade intelectual do ser humano nas ciências e da capacidade de gerar beleza nas artes, mas também as tradições populares locais - isso também é cultura - com a sua sensibilidade particular pelo meio onde surgiram e do qual saíram e do meio que lhes dá sentido. Requer-se igualmente uma educação ética e moral, que cultive atitudes de solidariedade e corresponsabilidade entre as pessoas. Devemos reconhecer o papel específico das religiões no desenvolvimento da cultura e os benefícios que possam trazer à sociedade. Nomeadamente os cristãos, como discípulos da Boa Nova, somos portadores duma mensagem de salvação que tem em si mesma a capacidade de enobrecer as pessoas, inspirar altos ideais capazes de incentivar linhas de ação que vão além dos interesses individuais, possibilitando a capacidade de renúncia a favor dos outros, a sobriedade e as outras virtudes que ajudam a dominar-nos e que nos unem. Estas virtudes que na vossa cultura se expressam de uma forma tão simples nestes três mandamentos: não mentir, não roubar e não ser preguiçoso.

Mas devemos estar atentos, pois tão facilmente habituamo-nos ao ambiente de desigualdade que nos rodeia, que ficamos insensíveis às manifestações do mesmo. E assim, sem nos dar conta, confundimos o «bem comum» com o «bem-estar», e com isso vai-se, pouco a pouco, escorregando, o ideal do bem comum vai se perdendo e termina no bem-estar, sobretudo quando somos nós que o desfrutamos e não os outros. O bem-estar, que faz referência apenas à abundância material, tende a ser egoísta, tende a defender interesses parciais, a não pensar nos outros e a deixar-se levar pela tentação do consumismo. Assim entendido, o bem-estar, em vez de ajudar, incuba possíveis conflitos e desintegração social; instalando-se como perspectiva dominante, gera o mal da corrupção que faz desanimar imensamente e causa tanto dano. Pelo contrário, o bem comum é algo mais do que a soma de interesses individuais; é passar do que «é melhor para mim» àquilo que «é melhor para todos», e inclui tudo o que dá coesão a um povo: metas comuns, valores compartilhados, ideais que ajudam a levantar os olhos para além dos horizontes particulares.

Os distintos atores sociais têm a responsabilidade de contribuir para a construção da unidade e o desenvolvimento da sociedade. A liberdade é sempre o campo melhor para que

os pensadores, as associações de cidadãos, os meios de comunicação desempenhem a sua função, com paixão e criatividade, ao serviço do bem comum. Também os cristãos, chamados a ser fermento no povo, trazem a sua própria mensagem à sociedade. A luz do Evangelho de Cristo não é propriedade da Igreja; esta é sua serva: a Igreja deve servir o Evangelho de Cristo para que chegue até aos confins do mundo. A fé é uma luz que não encandeia; as ideologias encandeiam, a fé não encandeia, a fé é uma luz que não perturba, mas ilumina e orienta no respeito pela consciência e a história de cada pessoa e de cada sociedade humana. Respeito. O cristianismo teve um papel importante na formação da identidade do povo boliviano. A liberdade religiosa – tal como é entendida habitualmente na ágora civil – lembra também que a fé não se pode reduzir à esfera puramente subjectiva. Não é uma subcultura. O nosso desafio há-de ser incentivar e favorecer a germinação da espiritualidade e do compromisso da fé, o compromisso cristão nas obras sociais, em superar o bem comum através das obras sociais.

Entre os vários atores sociais, gostaria de salientar a família, ameaçada em toda a parte, por tantos factores, pela violência doméstica, o alcoolismo, o machismo, a droga, a falta de trabalho, a insegurança social, o abandono dos idosos, os meninos de rua e recebendo pseudo-soluções a partir de perspectivas que não são saudáveis para a família mas, ao contrário, proveem claramente de colonizações ideológicas. Os problemas sociais, que a família resolve, e os resolve em silêncio, são tantos, que não promover a família é deixar desamparados os mais desprotegidos.

Uma nação, que procura o bem comum, não pode fechar-se em si mesma; as redes de relações abonam a sociedade. Assim no-lo demonstra o problema da emigração nos nossos dias. Hoje é indispensável o desenvolvimento da diplomacia com os países vizinhos, que evite os conflitos entre povos irmãos e contribua para um diálogo franco e aberto dos problemas. E estou a pensar agora sobre a questão do mar: o diálogo é indispensável. Construir pontes, em vez de erguer muros. Todos os temas, por mais espinhosos que sejam, têm soluções compartilháveis, têm soluções razoáveis, equitativas e duradouras. E, em todo o caso, nunca devem ser motivo de agressividade, rancor ou inimizade, que agravam mais a situação e tornam mais difícil a sua solução.

A Bolívia passa por um momento histórico: a política, o mundo da cultura, as religiões fazem parte deste estupendo desafio da unidade. Nesta terra, onde a exploração, a ganância e variados egoísmos e perspectivas sectárias ensombraram a sua história, hoje pode ser o tempo da integração. E é preciso caminhar por esta estrada. Hoje a Bolívia pode criar, é capaz de criar com a sua riqueza novas sínteses culturais. Como são estupendos os países que, superando a desconfiança doentia, integram os diferentes e que fazem desta integração um novo fato de desenvolvimento! Como são belas as nações quando estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro (cf. [EG](#)

[210](#))! A Bolívia, na sua busca de integração e unidade, é chamada a ser uma «multiforme harmonia que atrai» ([EG 117](#)) e que atrai no caminho para a consolidação da pátria grande.

Muito obrigado pela vossa atenção! Peço ao Senhor que a Bolívia, «esta terra inocente e bonita», continue a progredir cada vez mais para ser aquela «pátria feliz, onde o homem vive o bem da felicidade e da paz». A Virgem Santa cuide de vós e o Senhor vos abençoe com abundância. E por favor, peço-vos que por favor não vos esqueçais de rezar por mim. Muito obrigado.

Homilia do Papa Francisco Praça do Cristo Redentor, Santa Cruz de La Sierra, Bolívia Quinta-feira, 9 de Julho de 2015

Vimos de lugares, regiões, povoados distintos, para celebrar a presença viva de Deus entre nós. Há horas que saímos de nossas casas e comunidades, para podermos estar juntos como Povo Santo de Deus. A cruz e a imagem da missão trazem-nos à memória todas as comunidades que nasceram sob o nome de Jesus nestas terras e das quais somos herdeiros.

No Evangelho que acabámos de ouvir, descrevia-se uma situação muito semelhante à que estamos a viver agora. Como aquelas quatro mil pessoas, também nós estamos desejosos de ouvir a Palavra de Jesus e receber a sua vida. Eles ontem e nós hoje, ao pé do Mestre, Pão de vida.

Comovo-me ao ver muitas mães que carregavam seus filhos às costas, como aliás muitas de vós o fazem aqui. Carregando sobre si a vida e o futuro do seu povo. Carregando os motivos da sua alegria, as suas esperanças. Carregando a bênção da terra nos frutos. Carregando o trabalho feito com as suas mãos. Mãos, que moldaram o presente e tecerão os sonhos do amanhã. Mas carregando também sobre os seus ombros decepções, tristezas e amarguras, a injustiça que parece não ter fim e as cicatrizes duma justiça não realizada. Carregando sobre si mesmas a alegria e a dor duma terra. Carregais sobre vós a memória do vosso povo. Porque os povos têm memória, uma memória que passa de geração em geração, os povos têm uma memória em caminho.

E não são poucas as vezes que experimentamos o cansaço deste caminho. Não são poucas as vezes que nos faltam as forças para manter viva a esperança. Quantas vezes vivemos situações que pretendem anestesiar-nos a memória e, deste modo, debilita-se a esperança e, pouco a pouco, perdem-se os motivos de alegria. E começa a apoderar-se de nós uma tristeza que nos torna individualistas, que nos faz perder a memória de povo amado, de povo escolhido. E esta perda desagrega-nos, faz com que nos fechemos aos outros, especialmente aos mais pobres.

Pode suceder a nós o mesmo que aos discípulos de ontem, quando viram essa quantidade de pessoas que estava lá. Pedem a Jesus que a mande embora –

«Manda-lhes de volta à casa» –, já que é impossível alimentar tanta gente. Perante muitas situações de fome no mundo, podemos dizer: «Perdão, mas os números não batem certo; não podemos resolver a conta». É impossível enfrentar estas situações; então o desespero acaba por apoderar-se do coração.

Num coração desesperado, é muito fácil ganhar espaço a lógica que pretende impor-se no mundo, em todo o mundo, nos nossos dias. Uma lógica que procura transformar tudo em objeto de troca, tudo em objeto de consumo: vê tudo negociável. Uma lógica que pretende deixar espaço para muito poucos, descartando todos aqueles que não «produzem», que não são considerados aptos ou dignos porque, aparentemente, «os números não batem certo». E Jesus retoma a palavra para nos dizer: «Não, não é necessário excluí-los, não é necessário irem embora; dai-lhes vós mesmos de comer».

É um convite que hoje ressoa fortemente para nós: «Não é necessário excluir a ninguém. Não é necessário mandar ninguém embora, basta de descartes; dai-lhes vós mesmos de comer». Jesus continua a dizer-nos nesta praça: Sim, basta de descartes; dai-lhes vós mesmos de comer. O olhar de Jesus não aceita uma lógica, uma perspectiva que sempre «corta o fio» pelo ponto mais frágil, mais necessitado. Tomando «o pedaço», Ele mesmo nos dá o exemplo, nos mostra o caminho. Uma atitude em três palavras: toma um pouco de pão e alguns peixes, bendiz a Deus por eles, divide-os e entrega para que os discípulos os partilhem com os outros. E este é o caminho do milagre. Por certo, não é magia nem idolatria. Por meio destas três ações, Jesus consegue transformar a lógica do descarte numa lógica de comunhão, numa lógica de comunidade. Gostaria de destacar brevemente cada uma destas ações.

Toma. O ponto de partida é tomar muito a sério a vida dos seus. Fixa-os nos olhos e, nestes, conhece a sua vida, os seus sentimentos. Vê, naquele olhar, o que pulsa e o que deixou de pulsar na memória e no coração do seu povo. Considera-o e valoriza-o. Valoriza todo o bem que possam oferecer, todo o bem a partir do qual se possa construir. Mas não fala dos objetos, dos bens culturais ou das ideias; fala das pessoas. A riqueza maior duma sociedade mede-se na vida do seu povo, mede-se nos seus idosos que conseguem transmitir aos mais novos a sua sabedoria e a memória do seu povo. Jesus nunca ignora a dignidade de pessoa alguma, por maior que seja a aparência de não ter nada para oferecer ou partilhar. Tomo tudo assim como lhe chega.

Bendiz. Jesus toma em suas mãos o dom, e bendiz o Pai que está nos céus. Sabe que estes dons são um presente de Deus. Por isso, não os trata como «uma coisa qualquer», dado que toda a vida, toda esta vida é fruto do amor misericordioso. Ele reconhece-o. Vai além da simples aparência e, neste gesto de bendizer e louvar, pede a seu Pai o dom do Espírito Santo. Aquele acto de bendizer tem esta dupla perspectiva: por um lado, agradecer e, por outro, transformar. É reconhecer que a vida é sempre um dom, um presente que, colocado nas mãos de Deus, adquire uma força de multiplicação. O nosso Pai não nos tira nada, multiplica tudo.

Entrega. Em Jesus, não existe um tomar que não seja bênção, nem uma bênção que não seja uma entrega. A bênção é sempre missão, tem um destino: repartir, partilhar o que se recebeu, uma vez que só na entrega, no com-partilhar é que as pessoas encontram a fonte da alegria e a experiência de salvação. Uma entrega que quer reconstruir a memória de povo santo, de povo convidado a ser e a levar a alegria da salvação. As mãos, que Jesus ergue para bendizer o Deus do céu, são as mesmas que distribuem o pão à multidão que tem fome. E podemos imaginar agora como os pães e os peixes iam passando de mão em mão até chegar aos mais afastados. Jesus consegue gerar uma corrente entre os seus: todos estavam compartilhando o seu, transformando-o em dom para os outros, e foi assim que comeram até ficarem saciados. E, incrivelmente, sobrou: recolheram sete cestos de sobras. Uma memória tomada, uma memória abençoada, uma memória entregue sempre sacia o povo.

A Eucaristia é o «Pão repartido para a vida do mundo», como diz o lema do V Congresso Eucarístico que hoje inauguramos e vai realizar-se em Tarija. É sacramento de comunhão, que nos faz sair do individualismo para vivermos juntos o seguimento de Jesus e nos dá a certeza de que aquilo que temos e somos, se tomado, abençoado e entregue, pelo poder de Deus, pelo poder do seu amor, transforma-se em pão de vida para os outros.

E a Igreja celebra a Eucaristia, celebra a memória do Senhor, o sacrifício do Senhor. Porque a Igreja é uma comunidade memoriosa. Por isso, fiel ao mandato do Senhor, repete incansavelmente: «Fazei isto em memória de Mim» (Lc 22, 19). Geração após geração atualiza, torna real, nos distintos cantos da nossa terra, o mistério do Pão da Vida. No-lo faz presente e entrega. Jesus quer que participemos desta sua vida e, por nosso intermédio, se vá multiplicando na nossa sociedade. Não somos

peçoas isoladas, separadas, mas somos o Povo da memória actualizada e sempre entregue.

Uma vida memoriosa precisa dos outros, do intercâmbio, do encontro, duma solidariedade real que seja capaz de entrar na lógica do tomar, bendizer e entregar; na lógica do amor.

Maria, igual a muitas de vós, carregou sobre si a memória do seu povo, a vida do seu Filho, e experimentou em Si própria a grandeza de Deus, proclamando com alegria que Ele «encheu de bens os famintos» (Lc 1, 53), que Ela seja hoje o nosso exemplo para confiarmos na bondade do Senhor, que faz obras grandes com pouca coisa, com a humildade dos seus servos. Que assim seja.

Discurso Encontro com os sacerdotes, religiosos, religiosas e seminaristas

Quinta-feira, 9 de Julho de 2015

Queridos irmãos e irmãs, boa tarde!

Estou contente com este encontro convosco para partilhar a alegria que enche o coração e a vida inteira dos discípulos missionários de Jesus. Assim o manifestaram as palavras de saudação de D. Roberto Bordi e os testemunhos do Padre Miguel, da Irmã Gabriela e do seminarista Damián. Muito obrigado por terem partilhado a própria experiência vocacional.

E no relato do Evangelho de Marcos, ouvimos também a experiência de outro discípulo, Bartimeu, que se juntou ao grupo dos seguidores de Jesus. Foi um discípulo da última hora. Era a última viagem que Senhor fazia de Jericó a Jerusalém; aqui Ele seria entregue. Cego e mendigo, Bartimeu estava na beira do caminho – mais exclusão que isso, impossível! -, marginalizado; quando, porém, soube que era Jesus que passava, começou a gritar, fez-se sentir, como esta irmãzinha que com a bateria se fazia escutar e dizia “estou aqui”. Felicito-te, tocas bem.

Ao redor de Jesus, caminhavam os apóstolos, os discípulos, as mulheres que habitualmente O seguiam, com quem percorreu durante a sua vida pública os caminhos da Palestina para anunciar o Reino de Deus. E uma grande multidão. Se traduzimos isto, forçando a linguagem, em torno a Jesus iam os bispos, os padres, as freiras, os seminaristas, os leigos comprometidos, todos os que seguiam-no, escutando a Jesus, junto com o povo fiel de Deus.

Aparecem aqui duas realidades, que se nos impõem com força. Por um lado, o grito, o grito do mendigo e, por outro, as diferentes reações dos discípulos. Pensemos nas diferentes reações dos bispos, padres, freiras, seminaristas aos gritos que vamos escutando ou não escutando. Quase parece que o Evangelista nos queria mostrar que tipo de eco encontra o grito de Bartimeu na vida das pessoas, na vida dos seguidores de Jesus; mostrar como reagem perante o sofrimento de quem está na beira da estrada, com quem ninguém se importa – no máximo dão uma esmola - da pessoa que está sentada na sua dor, que não entra neste círculo de pessoas que está seguindo o Senhor.

São três as respostas aos gritos do cego e hoje também estas três respostas têm atualidade. Poderíamos exprimi-las com as palavras do próprio Evangelho: ‘Passar’; ‘Cala-te’; ‘Coragem, levanta-te’.

1. Passar. Passar ao largo; alguns, porque não ouvem. Estavam com Jesus, olhavam a Jesus, queriam ouvir Jesus. Não escutavam. Neste passar, temos o eco da indiferença, do passar ao lado dos problemas, procurando que estes não nos toquem. “Não é meu problema”. Não os ouvimos, não os reconhecemos. Faz-se ouvidos surdos. É a tentação de ver como coisa natural a dor, a tentação de habituar-se à injustiça. Sim, há gente assim: eu estou aqui com Deus, com a minha vida consagrada, escolhido por Jesus para o ministério e, sim, é natural que existam doentes, que existam pobres, que existam pessoas que sofrem; e como já é tão natural, não chama-me atenção um grito, um pedido de auxílio. Acostumar-se. E dizemos cá para nós: é normal, sempre foi assim, com tal que não me toque – mas isto entre parêntesis. É o eco que aparece num coração blindado, num coração fechado, que perdeu a capacidade de admiração e, portanto, a possibilidade de mudança. Quantos seguidores de Jesus corremos o perigo de perder a nossa capacidade de admiração, inclusive com o Senhor? Este estupor do primeiro encontro vai como que se degradando, e isso pode passar com qualquer um, passou com o primeiro Papa: «Para onde iremos Senhor, só tu tens palavras de vida eterna?». E depois o trai; nega-o, a admiração se degradou. É tudo um processo de acostumar-se. Um coração blindado. Trata-se de um coração que se habituou a passar sem se deixar tocar; uma existência que, andando por aqui e por ali, não consegue radicar-se na vida do seu povo, simplesmente porque faz parte desta elite que segue ao Senhor.

Poderíamos chamá-la a espiritualidade do zapping. Passa e volta a passar, mas não fica nada. São aqueles que correm atrás da última novidade, do último «bestseller», mas não conseguem entrar em contacto, não conseguem relacionar-se, envolver-se inclusive com o Senhor a quem estão seguindo, porque a surdez progride.

Podereis dizer-me: «É que essas pessoas estavam seguindo o Mestre, estavam atentas às palavras do Mestre; estavam a ouvi-Lo». Julgo que isto é o maior desafio da espiritualidade cristã. Como nos lembra o evangelista João: «aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1 Jo 4, 20b). Eles acreditavam que escutavam o Mestre, mas também traduziam, e as palavras do Mestre passavam pelo alambique dos seus corações blindados. Dividir esta

unidade – entre escutar a Deus e escutar o irmão - é uma das grandes tentações que nos acompanham ao longo de todo o caminho daqueles que seguimos Jesus. E temos de estar cientes disto. Tal como escutamos o nosso Pai, assim escutamos o Povo fiel de Deus. Se não o fazemos com os próprios ouvidos, com a mesma capacidade de escutar, com o mesmo coração, alguma coisa se quebrou.

Passar, sem escutar a dor do nosso povo, sem nos radicarmos nas suas vidas, na sua terra, é como ouvir a Palavra de Deus sem deixar que lance raízes dentro de nós e seja fecunda. Uma planta, uma história sem raízes é uma vida seca.

2. Segunda palavra: “Cala-te”. Esta é a segunda atitude perante o grito de Bartimeu. Cala-te, não chateies, não perturbes, que estamos fazendo a oração comunitária, que estamos num momento de espiritualidade de profunda elevação. “Não chateies, não perturbes”. Ao contrário da atitude anterior, esta escuta, esta reconhece, toma contacto com o grito de outro. Sabe que está ali e reage dum forma muito simples: repreendendo. São os bispos, os padres, os monges, os Papas do dedo assim [em riste, em sinal ameaçador]. Na Argentina, dizemos das professoras do dedo assim [em riste]: “Esta é como a professora do tempo de Yrigoyen, daquelas que estudavam a disciplina muito rígida”. E o pobre Povo fiel de Deus, quantas vezes é repreendido, pelo mau humor ou pela situação pessoal dum seguidor ou dum seguidora de Jesus. É a atitude de quem, à frente do povo de Deus, continuamente o está repreendendo, resmungando, mandando-o calar. Dê-lhe uma carícia, por favor, escuta-o, diz-lhe que Jesus o ama. “Não, isto não se pode fazer”. “Senhora, tire o bebé da igreja, pois ele está chorando e eu estou pregando”. Como se o choro de um bebé não fosse uma sublime pregação.

É o drama da consciência isolada, daqueles discípulos e discípulas que pensam que a vida de Jesus é apenas para aqueles que consideram aptos. No fundo, há um profundo desprezo pelo Povo fiel de Deus: «mas este cego, quem é ele para meter-se, que fique onde está!». A seus olhos parece lícito que encontrem espaço apenas os «autorizados», uma «casta de pessoas diferentes» que pouco a pouco se separa, diferenciando-se do seu Povo. Fizeram da identidade uma questão de superioridade. Esta identidade, que significa pertença, faz sentir-se superior, já não como pastores, mas como capatazes: «Eu cheguei até aqui, tu, coloca-te no teu lugar» Ouvem, mas não escutam, vêem, mas não olham. Permito-me contar uma história que vivi, era ao redor do ano 75, [dirigindo-se a um bispo presente] na tua diocese, na tua arquidiocese. Eu tinha feito uma promessa ao Senhor dos Milagres

de ir todos os anos a Salta, em peregrinação, para El Milagro se Ele mandasse 40 noviços. Mandou 41. Bom, depois de uma concelebração – neste local, como em todo o grande santuário, há uma missa depois da outra, confissões e não ficas parado; eu saía falando com um sacerdote que me acompanhava, que estava comigo, tinha vindo comigo, e eis que se aproxima uma senhora, já de saída, com uns santinhos, uma senhora muito simples, não sei, seria de Salta ou teria vindo não sei de onde –às vezes demoram dias para chegar na capital para a festa do El Milagro. «Padre, abençoa-me», pede ela ao sacerdote que me acompanhava; «Senhora, tu estiveste na missa». «Sim, padre». «Pois bem, lá a bênção de Deus, a presença de Deus abençoa tudo, tudo...». «Sim, padre, sim, padre». «E depois, a bênção final abençoa tudo». «Sim padre, sim padre». Neste momento sai outro sacerdote amigo daquele primeiro, mas que não se tinham visto. Então: «Oh, tu que estás aí». Gira-se e a senhora, que não sei como se chamava - digamos a senhora do “sim, padre” – olha-me e me pede: «Padre, abençoe-me o senhor». Aqueles que sempre colocam barreiras ao Povo de Deus, separam-no. Ouvem mas não escutam; deitam em cima um sermão, vêem, mas não fixam o olhar. A necessidade de se diferenciar bloqueou-lhes o coração. A necessidade, consciente ou inconsciente, de dizer «eu não sou como ele, não sou como eles» afastou-os não só do grito do seu povo e do seu pranto, mas também e particularmente dos motivos de alegria. Rir com aqueles que riem, chorar com os que choram: está aqui parte do mistério do coração sacerdotal e do coração consagrado. Às vezes existem castas que nós vamos criando com este comportamento e assim nos separamos. No Equador, tomei a liberdade de dizer aos sacerdotes – as freiras também estavam presentes – que, por favor, pedissem todos os dias a graça da memória, de não esquecer-se de onde o tiraram. Tiraram-te de junto do rebanho. Nunca te esqueças, não te assoberbes, não negues as tuas raízes, não negues essa cultura que aprendeste da tua gente porque agora tens uma cultura mais sofisticada, mais importante. Existem sacerdotes que sentem vergonha de falar a sua língua originária e então se esquecem do seu quíchua, do seu aimara, do seu guarani: «Porque não, agora falo de modo elegante». A graça de não perder a memória de Povo fiel. É uma graça. No livro do Deuteronômio, quantas vezes Deus fala ao seu Povo: «Não te esqueças, não te esqueças, não te esqueças». E Paulo admoesta ao seu discípulo predileto, que ele mesmo consagrara como Bispo, Timóteo: «Lembra-te da tua mãe e da tua avó».

3. A terceira palavra: “Coragem, levanta-te”. É este é o terceiro eco. Um eco que não nasce diretamente do grito de Bartimeu, mas da reação das pessoas que vêem

como Jesus se comportou perante o grito do cego mendicante. Ou seja, aqueles que não davam lugar às suas súplicas, aqueles que não lhe abriam um lugar, ou alguém que fazia-lhe calar-se... Mas, claro, quando vê que Jesus reage assim, muda: “Coragem, levanta-te”.

É um grito que se transforma em Palavra, em convite, em mudança, em proposta de novidade frente as nossas formas de reagir ao Santo Povo fiel de Deus.

Ao contrário dos outros que passavam, diz o Evangelho que Jesus Se deteve e perguntou: «O que está a acontecer? Quem “toca a bateria”?». Deteve-se perante o clamor duma pessoa. Sai do anonimato da multidão para o identificar, comprometendo-se assim com ele. Radica-se na sua vida. E, longe de o mandar calar, pergunta: «Que posso fazer por ti?» Não precisa de diferenciar-se, não precisa separar-se, não lhe faz um sermão, não catalogá-lo e pergunta para ver se está autorizado ou não a falar. Limita-se a fazer uma pergunta, a identificá-lo pretendendo ser parte da vida daquele homem, querendo assumir a sua própria sorte. Deste modo restitui-lhe gradualmente a dignidade que tinha perdido, à margem do caminho e cego. Faz a sua inclusão. E longe de olhá-lo de fora, esforça-se por se identificar com os problemas e, assim, manifestar a força transformadora da misericórdia. Não há compaixão - compaixão e não lástima – não existe compaixão que não se detenha. Se não te deténs, se não “padeces com”, tu não tens a compaixão divina. Não existe uma compaixão que não escute. Não existe uma compaixão que não se solidarize com o outro. A compaixão não é zapping, não é silenciar a dor; pelo contrário, é a lógica própria do amor, o “padeecer com”. É a lógica que não está centrada no medo, mas na liberdade que nasce de amar e coloca o bem do outro acima de todas as coisas. É a lógica que nasce de não ter medo de se aproximar da dor do nosso povo. Embora muitas vezes se reduza a estar ao seu lado e fazer desse momento uma oportunidade de oração.

E esta é a lógica do discipulado. Isto é o que faz o Espírito Santo connosco e em nós. Disto somos testemunhas. Um dia Jesus viu-nos à beira da estrada, sentados nas nossas dores, nas nossas misérias, nas nossas indiferenças. Cada um conhece a sua história antiga. Não silenciou os nossos gritos; antes, deteve-Se, aproximou-Se e perguntou que podia fazer por nós. E, graças a tantas testemunhas que nos disseram «coragem, levanta-te», gradualmente fomos tocando aquele amor misericordioso, aquele amor transformador que nos permitiu ver a luz. Não somos testemunhas de uma ideologia, não somos testemunhas de uma receita, uma forma

de fazer teologia. Não somos testemunhas disso. Somos testemunhas do amor sanador e misericordioso de Jesus. Somos testemunhas da sua intervenção na vida das nossas comunidades.

E esta é a pedagogia do Mestre; esta é a pedagogia de Deus com o seu Povo. Passar da indiferença do zapping a «coragem, levanta-te que [o Mestre] chama-te» (Mc 10, 49). E não porque somos especiais, não porque somos melhores, nem porque somos os funcionários de Deus, mas apenas porque somos testemunhas agradecidas da misericórdia que nos transforma. E quando se vive assim, há júbilo e alegria, e podemos nos unir ao testemunho da irmã, que assumiu na sua vida o conselho de Santo Agostinho: «Canta e caminha». Esta alegria que vem do testemunho da misericórdia que transforma.

Não estamos sozinhos, neste caminho. Ajudamo-nos uns aos outros com o exemplo e a oração. Estamos circundados por uma nuvem de testemunhas (cf. Heb 12, 1). Lembremos a Beata Nazária Ignacia de Santa Teresa de Jesus, que dedicou a sua vida ao anúncio do Reino de Deus cuidando dos idosos, com a «panela do pobre» para aqueles que não tinham nada para comer, abrindo orfanatos para crianças sem ninguém, hospitais para feridos da guerra, e até criando um sindicato feminino para a promoção da mulher. Lembremos também a Venerável Virgínia Blanco Tardío, devotada totalmente à evangelização e ao cuidado das pessoas pobres e doentes. Elas e muitos outros anônimos, tantos, daqueles que seguimos Jesus, servem de estímulo no nosso caminho. Esta nuvem de testemunhas! Vamos para diante com a ajuda de Deus e a cooperação de todos. O Senhor serve-se de nós para que a sua luz chegue a todos os cantos da terra. E seguir adiante, canta e caminha. E enquanto cantais e caminhais, rezai por mim, que necessito. Obrigado.

Discurso do Papa durante II Encontro dos Movimentos Populares Bolívia Quinta-feira, 9 de julho de 2015

Irmãos e irmãs, boa tarde!

Há alguns meses, [reunimo-nos em Roma](#) e não esqueço aquele nosso primeiro encontro. Durante este tempo, trouxe-vos no meu coração e nas minhas orações. E alegra-me vê-vos de novo aqui, debatendo os melhores caminhos para superar as graves situações de injustiça que padecem os excluídos em todo o mundo. Obrigado Senhor Presidente Evo Morales, por sustentar tão decididamente este Encontro.

Então, em Roma, senti algo muito belo: fraternidade, paixão, entrega, sede de justiça. Hoje, em Santa Cruz de la Sierra, volto a sentir o mesmo. Obrigado! Soube também, pelo [Pontifício Conselho «Justiça e Paz»](#) presidido pelo Cardeal Turkson, que são muitos na Igreja aqueles que se sentem mais próximos dos movimentos populares. Muito me alegro por isso! Ver a Igreja com as portas abertas a todos vós, que se envolve, acompanha e consegue sistematizar em cada diocese, em cada comissão «Justiça e Paz», uma colaboração real, permanente e comprometida com os movimentos populares. Convido-vos a todos, bispos, sacerdotes e leigos, juntamente com as organizações sociais das periferias urbanas e rurais a aprofundar este encontro.

Deus permitiu que nos voltássemos a ver hoje. A Bíblia lembra-nos que Deus escuta o clamor do seu povo e também eu quero voltar a unir a minha voz à vossa: os famosos três “T”: terra, tecto e trabalho para todos os nossos irmãos e irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados. Vale a pena, vale a pena lutar por eles. Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra.

1. Em primeiro lugar, começemos por reconhecer que precisamos duma mudança. Quero esclarecer, para que não haja mal-entendidos, que falo dos problemas comuns de todos os latino-americanos e, em geral, também de toda a humanidade. Problemas, que têm uma matriz global e que actualmente nenhum Estado pode resolver por si mesmo. Feito este esclarecimento, proponho que nos coloquemos estas perguntas:

– Reconhecemos nós, de verdade, que as coisas não andam bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem tecto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade?

– Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando explodem tantas guerras sem sentido e a violência fratricida se apodera até dos nossos bairros? Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando o solo, a água, o ar e todos os seres da criação estão sob ameaça constante?

Então, se reconhecemos isto, dignamo-lo sem medo: Precisamos e queremos uma mudança.

Nas vossas cartas e nos nossos encontros, relataram-me as múltiplas exclusões e injustiças que sofrem em cada atividade laboral, em cada bairro, em cada território. São tantas e tão variadas como muitas e diferentes são as formas próprias de as enfrentar. Mas há um elo invisível que une cada uma das exclusões. Não se encontram isoladas, estão unidas, por um fio invisível. Conseguimos nós reconhecê-lo? É que não se trata de questões isoladas. Pergunto-me se somos capazes de reconhecer que estas realidades destrutivas correspondem a um sistema que se tornou global. Reconhecemos nós que este sistema impôs a lógica do lucro a todo o custo, sem pensar na exclusão social nem na destruição da natureza?

Se isso é assim – insisto – dignamo-lo sem medo: Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos.... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco.

Queremos uma mudança nas nossas vidas, nos nossos bairros, no vilarejo, na nossa realidade mais próxima; mas uma mudança que toque também o mundo inteiro, porque hoje a interdependência global requer respostas globais para os problemas locais. A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença.

Hoje quero refletir convosco sobre a mudança que queremos e precisamos. Como sabeis, recentemente escrevi sobre os problemas da mudança climática. Mas, desta vez, quero falar duma mudança noutra sentido. Uma mudança positiva, uma mudança que nos faça bem, uma mudança – poderíamos dizer – redentora. Porque é dela que precisamos. Sei que buscais uma mudança e não apenas vós: nos diferentes encontros, nas várias viagens, verifiquei que há uma expectativa, uma busca forte, um anseio de mudança em todos os povos do mundo. Mesmo dentro da minoria cada vez mais reduzida que pensa sair beneficiada deste sistema, reina a insatisfação e sobretudo a tristeza. Muitos esperam uma mudança que os liberte desta tristeza individualista que escraviza.

O tempo, irmãos e irmãs, o tempo parece exaurir-se; já não nos contentamos com lutar entre nós, mas chegamos até a assanhar-nos contra a nossa casa. Hoje, a comunidade científica aceita aquilo que os pobres já há muito denunciam: estão a produzir-se danos talvez irreversíveis no ecossistema. Está-se a castigar a terra, os povos e as pessoas de forma quase selvagem. E por trás de tanto sofrimento, tanta morte e destruição, sente-se o cheiro daquilo que Basílio de Cesareia – um dos primeiros teólogos da Igreja – chamava «o esterco do diabo»: reina a ambição desenfreada de dinheiro. É este o esterco do diabo. O serviço ao bem comum fica em segundo plano. Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez do dinheiro domina todo o sistema socioeconómico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, faz lutar povo contra povo e até, como vemos, põe em risco esta nossa casa comum, a irmã e mãe terra.

Não quero alongar-me na descrição dos efeitos malignos desta ditadura subtil: vós conheceis-os! Mas também não basta assinalar as causas estruturais do drama social e ambiental contemporâneo. Sofremos de um certo excesso de diagnóstico, que às vezes nos leva a um pessimismo charlatão ou a rejubilar com o negativo. Ao ver a crónica negra de cada dia, pensamos que não haja nada que se possa fazer para além de cuidar de nós mesmos e do pequeno círculo da família e dos amigos.

Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo, limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador que dificilmente consigo resistir à propagação das grandes corporações? Que posso fazer eu, a partir da minha comunidade, do meu barraco, da minha povoação, da minha favela, quando sou diariamente discriminado e marginalizado? Que pode fazer aquele estudante, aquele jovem, aquele militante, aquele missionário que atravessa as favelas e os parapeiros com o coração cheio de sonhos, mas quase sem nenhuma solução para os seus problemas? Podem fazer muito. Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos três “T” – entendido? – (trabalho, tecto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança, mudanças nacionais, mudanças regionais e mudanças mundiais. Não se acanhem!

2. Segundo. Vós sois semeadores de mudança. Aqui, na Bolívia, ouvi uma frase de que gosto muito: «processo de mudança». A mudança concebida, não como algo que um dia chegará porque se impôs esta ou aquela opção política ou porque se estabeleceu esta ou aquela estrutura social. Sabemos, amargamente, que uma mudança de estruturas, que não

seja acompanhada por uma conversão sincera das atitudes e do coração, acaba a longo ou curto prazo por burocratizar-se, corromper-se e sucumbir. É preciso mudar o coração. Por isso gosto tanto da imagem do processo, onde a paixão por semear, por regar serenamente o que outros verão florescer, substitui a ansiedade de ocupar todos os espaços de poder disponíveis e de ver resultados imediatos. A opção é a de gerar processos e não a de ocupar espaços. Cada um de nós é apenas uma parte de um todo complexo e diversificado interagindo no tempo: povos que lutam por uma afirmação, por um destino, por viver com dignidade, por «viver bem», dignamente, nesse sentido.

Vós, a partir dos movimentos populares, assumis as tarefas comuns motivados pelo amor fraterno, que se rebela contra a injustiça social. Quando olhamos o rosto dos que sofrem, o rosto do camponês ameaçado, do trabalhador excluído, do indígena oprimido, da família sem tecto, do imigrante perseguido, do jovem desempregado, da criança explorada, da mãe que perdeu o seu filho num tiroteio porque o bairro foi tomado pelo narcotráfico, do pai que perdeu a sua filha porque foi sujeita à escravidão; quando recordamos estes «rostos e estes nomes» estremecemos-nos as entranhas diante de tanto sofrimento e comovemo-nos, todos nos comovemos.... Porque «vimos e ouvimos», não a fria estatística, mas as feridas da humanidade dolorida, as nossas feridas, a nossa carne. Isto é muito diferente da teorização abstrata ou da indignação elegante. Isto comove-nos, move-nos e procuramos o outro para nos movermos juntos. Esta emoção feita ação comunitária é incompreensível apenas com a razão: tem um plus de sentido que só os povos entendem e que confere a sua mística particular aos verdadeiros movimentos populares.

Vós viveis, cada dia, imersos na crueza da tormenta humana. Falaste-me das vossas causas, partilhastes comigo as vossas lutas, já desde Buenos Aires. E agradeço-vos. Queridos irmãos, muitas vezes trabalhais no insignificante, no que aparece ao vosso alcance, na realidade injusta que vos foi imposta e a que não vos resignais opondo uma resistência ativa ao sistema idólatra que exclui, degrada e mata. Vi-vos trabalhar incansavelmente pela terra e a agricultura camponesa, pelos vossos territórios e comunidades, pela dignificação da economia popular, pela integração urbana das vossas favelas e agrupamentos, pela autoconstrução de moradias e o desenvolvimento das infraestruturas do bairro e em muitas atividades comunitárias que tendem à reafirmação de algo tão elementar e inegavelmente necessário como o direito aos “3 T”: terra, tecto e trabalho.

Este apego ao bairro, à terra, à profissão, à corporação, este reconhecer-se no rosto do outro, esta proximidade no dia a dia, com as suas misérias, porque elas existem, temo-las nós mesmos, e os seus heroísmos quotidianos, é o que permite realizar o mandamento do amor, não a partir de ideias ou conceitos, mas a partir do genuíno encontro entre pessoas, precisamos instaurar esta cultura do encontro, porque não se amam os conceitos nem as

ideias, ninguém ama um conceito, ninguém ama uma ideia; amam-se as pessoas. A entrega, a verdadeira entrega nasce do amor pelos homens e mulheres, crianças e idosos, vilarejos e comunidades... Rostos e nomes que enchem o coração. A partir destas sementes de esperança semeadas pacientemente nas periferias esquecidas do planeta, destes rebentos de ternura que lutam por subsistir na escuridão da exclusão, crescerão grandes árvores, surgirão bosques densos de esperança para oxigenar este mundo.

Vejo, com alegria, que trabalhais no que aparece ao vosso alcance, cuidando dos rebentos; mas, ao mesmo tempo, com uma perspectiva mais ampla, protegendo o arvoredo. Trabalhais numa perspectiva que não só aborda a realidade sectorial que cada um de vós representa e na qual felizmente está enraizada, mas procurais também resolver, na sua raiz, os problemas gerais de pobreza, desigualdade e exclusão.

Felicito-vos por isso. É imprescindível que, a par da reivindicação dos seus legítimos direitos, os povos e as organizações sociais construam uma alternativa humana à globalização exclusiva. Vós sois semeadores de mudança. Que Deus vos dê coragem, vos dê alegria, vos dê perseverança e paixão para continuar a semear. Podeis ter a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vamos ver os frutos. Peço aos dirigentes: sede criativos e nunca percais o apego às coisas próximas, porque o pai da mentira sabe usurpar palavras nobres, promover modas intelectuais e adotar posições ideológicas, mas se construídes sobre bases sólidas, sobre as necessidades reais e a experiência viva dos vossos irmãos, dos camponeses e indígenas, dos trabalhadores excluídos e famílias marginalizadas, de certeza não vos equivocareis.

A Igreja não pode nem deve ficar alheia a este processo no anúncio do Evangelho. Muitos sacerdotes e agentes pastorais realizam uma tarefa imensa acompanhando e promovendo os excluídos de todo o mundo, ao lado de cooperativas, dando impulso a empreendimentos, construindo casas, trabalhando abnegadamente nas áreas da saúde, desporto e educação. Estou convencido de que a cooperação amistosa com os movimentos populares pode robustecer estes esforços e fortalecer os processos de mudança.

No coração, tenhamos sempre a Virgem Maria, uma jovem humilde duma pequena aldeia perdida na periferia dum grande império, uma mãe sem tecto que soube transformar um curral de animais na casa de Jesus com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Maria é sinal de esperança para os povos que sofrem dores de parto até que brote a justiça. Rezo à Virgem Maria, tão venerada pelo povo boliviano, para que permita que este nosso Encontro seja fermento de mudança.

3. Por último, gostaria que refletíssemos, juntos, sobre algumas tarefas importantes neste momento histórico, pois queremos uma mudança positiva em benefício de todos os nossos

irmãos e irmãs. Disto estamos certos! Queremos uma mudança que se enriqueça com o trabalho conjunto de governos, movimentos populares e outras forças sociais. Sabemos isto também! Mas não é tão fácil definir o conteúdo da mudança, ou seja, o programa social que reflita este projeto de fraternidade e justiça que esperamos, não é fácil defini-lo. Neste sentido, não esperem uma receita deste Papa. Nem o Papa nem a Igreja têm o monopólio da interpretação da realidade social e da proposta de soluções para problemas contemporâneos. Atrever-me-ia a dizer que não existe uma receita. A história é construída pelas gerações que se vão sucedendo no horizonte de povos que avançam individuando o próprio caminho e respeitando os valores que Deus colocou no coração.

Gostaria, no entanto, de vos propor três grandes tarefas que requerem a decisiva contribuição do conjunto dos movimentos populares:

3.1 A primeira tarefa é pôr a economia ao serviço dos povos.

Os seres humanos e a natureza não devem estar ao serviço do dinheiro. Digamos NÃO a uma economia de exclusão e desigualdade, onde o dinheiro reina em vez de servir. Esta economia mata. Esta economia exclui. Esta economia destrói a Mãe Terra.

A economia não deveria ser um mecanismo de acumulação, mas a condigna administração da casa comum. Isto implica cuidar zelosamente da casa e distribuir adequadamente os bens entre todos. A sua finalidade não é unicamente garantir o alimento ou um «decoroso sustento». Não é sequer, embora fosse já um grande passo, garantir o acesso aos “3 T” pelos quais combateis. Uma economia verdadeiramente comunitária – poder-se-ia dizer, uma economia de inspiração cristã – deve garantir aos povos dignidade, «prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos».[1] Esta última frase foi pronunciada pelo Papa João XXIII há cinquenta anos. Jesus fala no Evangelho que aquele que espontaneamente dê um copo-d’água a quem tem sede, isso lhe será tido em conta no Reino dos Céus. Isto envolve os “3 T” mas também acesso à educação, à saúde, à inovação, às manifestações artísticas e culturais, à comunicação, ao desporto e à recreação. Uma economia justa deve criar as condições para que cada pessoa possa gozar duma infância sem privações, desenvolver os seus talentos durante a juventude, trabalhar com plenos direitos durante os anos de atividade e ter acesso a uma digna aposentação na velhice. É uma economia onde o ser humano, em harmonia com a natureza, estrutura todo o sistema de produção e distribuição de tal modo que as capacidades e necessidades de cada um encontrem um apoio adequado no ser social. Vós – e outros povos também – resumis este anseio duma maneira simples e bela: «viver bem», que não é a mesma coisa que «aproveitar».

Esta economia é não apenas desejável e necessária, mas também é possível. Não é uma utopia, nem uma fantasia. É uma perspectiva extremamente realista. Podemos consegui-la.

Os recursos disponíveis no mundo, fruto do trabalho intergeracional dos povos e dos dons da criação, são mais que suficientes para o desenvolvimento integral de «todos os homens e do homem todo».[2] Mas o problema é outro. Existe um sistema com outros objectivo. Um sistema que, além de acelerar irresponsavelmente os ritmos da produção, além de implementar métodos na indústria e na agricultura que sacrificam a Mãe Terra na ara da «produtividade», continua a negar a milhares de milhões de irmãos os mais elementares direitos económicos, sociais e culturais. Este sistema atenta contra o projecto de Jesus, contra a Boa Nova que Jesus trouxe.

A justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano não é mera filantropia. É um dever moral. Para os cristãos, o encargo é ainda mais forte: é um mandamento. Trata-se de devolver aos pobres e às pessoas o que lhes pertence. O destino universal dos bens não é um adorno retórico da doutrina social da Igreja. É uma realidade anterior à propriedade privada. A propriedade, sobretudo quando afeta os recursos naturais, deve estar sempre em função das necessidades das pessoas. E estas necessidades não se limitam ao consumo. Não basta deixar cair algumas gotas, quando os pobres agitam este copo que, por si só, nunca derrama. Os planos de assistência que acodem a certas emergências deveriam ser pensados apenas como respostas transitórias, conjunturais. Nunca poderiam substituir a verdadeira inclusão: a inclusão que dá o trabalho digno, livre, criativo, participativo e solidário.

E neste caminho, os movimentos populares têm um papel essencial, não apenas exigindo e reclamando, mas fundamentalmente criando. Vós sois poetas sociais: criadores de trabalho, construtores de casas, produtores de alimentos, sobretudo para os descartados pelo mercado global.

Conheci de perto várias experiências, onde os trabalhadores, unidos em cooperativas e outras formas de organização comunitária, conseguiram criar trabalho onde só havia sobras da economia idólatra. E vi que alguns estão aqui. As empresas recuperadas, as feiras francas e as cooperativas de catadores de papelão são exemplos desta economia popular que surge da exclusão e que pouco a pouco, com esforço e paciência, adopta formas solidárias que a dignificam. E quão diferente é isto do facto de os descartados pelo mercado formal serem explorados como escravos!

Os governos que assumem como própria a tarefa de colocar a economia ao serviço das pessoas devem promover o fortalecimento, melhoria, coordenação e expansão destas formas de economia popular e produção comunitária. Isto implica melhorar os processos de trabalho, prover de adequadas infra-estruturas e garantir plenos direitos aos trabalhadores deste sector alternativo. Quando Estado e organizações sociais assumem, juntos, a missão

dos “3 T”, ativam-se os princípios de solidariedade e subsidiariedade que permitem construir o bem comum numa democracia plena e participativa.

3.2 A segunda tarefa é unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça.

Os povos do mundo querem ser artífices do seu próprio destino. Querem caminhar em paz para a justiça. Não querem tutelas nem interferências, onde o mais forte subordina o mais fraco. Querem que a sua cultura, o seu idioma, os seus processos sociais e tradições religiosas sejam respeitados. Nenhum poder efetivamente constituído tem direito de privar os países pobres do pleno exercício da sua soberania e, quando o fazem, vemos novas formas de colonialismo que afetam seriamente as possibilidades de paz e justiça, porque «a paz funda-se não só no respeito pelos direitos do homem, mas também no respeito pelo direito dos povos, sobretudo o direito à independência».[3]

Os povos da América Latina alcançaram, com um parto doloroso, a sua independência política e, desde então, viveram já quase dois séculos numa história dramática e cheia de contradições procurando conquistar uma independência plena.

Nos últimos anos, depois de tantos mal-entendidos, muitos países latino-americanos viram crescer a fraternidade entre os seus povos. Os governos da região juntaram seus esforços para fazer respeitar a sua soberania, a de cada país e a da região como um todo que, de forma muito bela como faziam os nossos antepassados, chamam a «Pátria Grande». Peçovos, irmãos e irmãs dos movimentos populares, que cuidem e façam crescer esta unidade. É necessário manter a unidade contra toda a tentativa de divisão, para que a região cresça em paz e justiça.

Apesar destes avanços, ainda subsistem factores que atentam contra este desenvolvimento humano equitativo e coarctam a soberania dos países da «Pátria Grande» e doutras latitudes do Planeta. O novo colonialismo assume variadas fisionomias. Às vezes, é o poder anónimo do ídolo dinheiro: corporações, credores, alguns tratados denominados «de livre comércio» e a imposição de medidas de «austeridade» que sempre apertam o cinto dos trabalhadores e dos pobres. Os bispos latino-americanos o denunciámos muito claramente, no documento de Aparecida, quando se afirma que «as instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem ao ponto de subordinar as economias locais, sobretudo debilitando os Estados, que aparecem cada vez mais impotentes para levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações».[4] Noutras ocasiões, sob o nobre disfarce da luta contra a corrupção, o narcotráfico ou o terrorismo – graves males dos nossos tempos que requerem uma acção internacional coordenada – vemos que se impõem aos Estados medidas que pouco têm a ver com a resolução de tais problemáticas e muitas vezes tornam as coisas piores.

Da mesma forma, a concentração monopolista dos meios de comunicação social que pretende impor padrões alienantes de consumo e certa uniformidade cultural é outra das formas que adota o novo colonialismo. É o colonialismo ideológico. Como dizem os bispos da África, muitas vezes pretende-se converter os países pobres em «peças de um mecanismo, partes de uma engrenagem gigante».[5]

Temos de reconhecer que nenhum dos graves problemas da humanidade pode ser resolvido sem a interação dos Estados e dos povos a nível internacional. Qualquer ato de envergadura realizado numa parte do Planeta repercute-se no todo em termos económicos, ecológicos, sociais e culturais. Até o crime e a violência se globalizaram. Por isso, nenhum governo pode atuar à margem duma responsabilidade comum. Se queremos realmente uma mudança positiva, temos de assumir humildemente a nossa interdependência, ou seja, nosso são interdependência. Mas interação não é sinónimo de imposição, não é subordinação de uns em função dos interesses dos outros. O colonialismo, novo e velho, que reduz os países pobres a meros fornecedores de matérias-primas e mão de obra barata, gera violência, miséria, emigrações forçadas e todos os males que vêm juntos... precisamente porque, ao pôr a periferia em função do centro, nega-lhes o direito a um desenvolvimento integral. E isto, irmãos, é desigualdade, e a desigualdade gera violência que nenhum recurso policial, militar ou dos serviços secretos será capaz de deter.

Digamos assim NÃO às velhas e novas formas de colonialismo. Digamos SIM ao encontro entre povos e culturas. Bem-aventurados os que trabalham pela paz.

E aqui quero deter-me num tema importante. É que alguém poderá, com direito, dizer: «Quando o Papa fala de colonialismo, esquece-se de certas acções da Igreja». Com pesar, vo-lo digo: Cometeram-se muitos e graves pecados contra os povos nativos da América, em nome de Deus. Reconheceram-no os meus antecessores, afirmou-o o CELAM, o Conselho Episcopal Latino-americano, e quero reafirmá-lo eu também. Como São João Paulo II, peço que a Igreja – e cito o que ele disse – «se ajoelhe diante de Deus e implore o perdão para os pecados passados e presentes dos seus filhos».[6] E eu quero dizer-vos, quero ser muito claro, como foi São João Paulo II: Peço humildemente perdão, não só para as ofensas da própria Igreja, mas também para os crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América. E junto com este pedido de perdão e para ser justos, também quero que lembremos a milhares de sacerdotes, bispos, que fizeram oposição à lógica da espada com a força da Cruz. Houve pecado, e pecado abundante, mas não pedimos perdão no passado. Por isso agora pedimos perdão, e peço perdão; mas também lá, onde houve pecado, onde abundou o pecado, superabundou a graça através destes homens que defenderam a justiça dos povos originários.

Peço-vos também a todos, crentes e não crentes, que se recordem de tantos bispos, sacerdotes e leigos que pregaram e pregam a boa nova de Jesus com coragem e mansidão, respeito e em paz – falei dos bispos, sacerdotes e leigos, mas não quero esquecer-me das freirinhas que caminham anonimamente nos vossos bairros pobres levando uma mensagem de paz e de bem –; que, na sua passagem por esta vida, deixaram impressionantes obras de promoção humana e de amor, pondo-se muitas vezes ao lado dos povos indígenas ou acompanhando os próprios movimentos populares mesmo até ao martírio. A Igreja, os seus filhos e filhas, fazem parte da identidade dos povos na América Latina. Identidade que alguns poderes, tanto aqui como noutros países, se empenham por apagar, talvez porque a nossa fé é revolucionária, porque a nossa fé desafia a tirania do ídolo dinheiro. Hoje vemos, com horror, como no Médio Oriente e noutros lugares do mundo se persegue, tortura, assassina a muitos irmãos nossos pela sua fé em Jesus. Isto também devemos denunciá-lo: dentro desta terceira guerra mundial em parcelas que vivemos, há uma espécie de – forço um pouco a expressão – genocídio em curso que deve cessar.

Aos irmãos e irmãs do movimento indígena latino-americano, deixem-me expressar a minha mais profunda estima e felicita-los por procurarem a conjugação dos seus povos e culturas segundo uma forma de convivência, a que eu gosto de chamar poliédrica, onde as partes conservam a sua identidade construindo, juntas, uma pluralidade que não atenta contra a unidade, mas fortalece-a. A sua procura desta interculturalidade que conjuga a reafirmação dos direitos dos povos nativos com o respeito à integridade territorial dos Estados enriquece-nos e fortalece-nos a todos.

3.3 E a terceira tarefa, e talvez a mais importante que devemos assumir hoje, é defender a Mãe Terra.

A casa comum de todos nós está a ser saqueada, devastada, vexada impunemente. A covardia em defendê-la é um pecado grave. Vemos, com crescente decepção, sucederem-se uma após outra as cimeiras internacionais sem qualquer resultado importante. Existe um claro, definitivo e inadiável imperativo ético de actuar que não está a ser cumprido. Não se pode permitir que certos interesses – que são globais, mas não universais – se imponham, submetendo Estados e organismos internacionais, e continuem a destruir a criação. Os povos e os seus movimentos são chamados a clamar, mobilizar-se, exigir – pacífica, mas tenazmente – a adopção urgente de medidas apropriadas. Peço-vos, em nome de Deus, que defendais a Mãe Terra. Sobre este assunto, expressei-me devidamente na carta encíclica *Laudato si'*, que creio que vos será entregue na conclusão.

4. Para concluir, quero dizer-lhes novamente: O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também

nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança. Estou convosco. E cada um, repitamos a nós mesmos do fundo do coração: nenhuma família sem tecto, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra. Acreditai em mim, e sou sincero, de coração vos digo: Rezo por vós, rezo convosco e quero pedir a nosso Pai Deus que vos acompanhe e abençoe, que vos cumule do seu amor e defenda no caminho concedendo-vos, em abundância, aquela força que nos mantém de pé: esta força é a esperança, a esperança que não decepciona. E peço-vos, por favor, que rezeis por mim. E se algum de vós não pode rezar, com todo o respeito, peço-te que me tenha em teus pensamentos e mande-me uma boa “onda”. Obrigado!

[1]João XXIII, Carta enc. [Mater et Magistra](#) (15 de Maio de 1961), 3: AAS 53 (1961), 402.

[2]Paulo VI, Carta enc. [Populorum progressio](#), 14.

[3]Pontifício Conselho «Justiça e paz», [Compêndio da Doutrina Social da Igreja](#), 157.

[4]V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007), Documento de Aparecida, 66.

[5]João Paulo II, Exort. ap. pós-sinodal [Ecclesia in Africa](#) (14 de Setembro de 1995), 52: AAS 88 (1996), 32-33. Cf. IDEM, Carta enc. [Sollicitudo rei socialis](#) (30 de Dezembro de 1987), 22: AAS 80 (1988), 539.

[6]João Paulo II, Bula [Incarnationis mysterium](#), 11.

Discurso do Papa durante visita ao Centro de Reabilitação Palmasola Santa Cruz de La Sierra, Bolívia Sexta-feira, 10 de julho de 2015

Queridos irmãos e irmãs!

Não podia deixar a Bolívia sem vir ver-vos, sem deixar de partilhar a fé e a esperança que nascem do amor entregue na cruz.

Obrigado por me receberem. Sei que se prepararam e rezaram por mim. Muito obrigado!

Nas palavras de D. Jesús Juárez e no testemunho dos irmãos que falaram, pude comprovar que a dor não é capaz de apagar a esperança no mais fundo do coração e que a vida continua a jorrar com força em circunstâncias adversas.

Quem está diante de vós? Poderiam perguntar-se. Gostaria de responder-lhes à pergunta com uma certeza da minha vida, com uma certeza que me marcou para sempre. Aquele que está diante de vós é um homem perdoado. Um homem que foi e está salvo de seus muitos pecados. E é assim como me apresento. Não tenho muito mais para lhes dar ou oferecer, mas o que tenho e amo quero dar-vo-lo, quero partilhá-lo: É Jesus, Jesus Cristo, a misericórdia do Pai.

Ele veio para nos mostrar, fazer visível o amor que Deus tem por nós. Por vós, por ti, por mim. Um amor ativo, real. Um amor que levou a sério a realidade dos seus. Um amor que cura, perdoa, levanta, cuida. Um amor que se aproxima e devolve a dignidade. Uma dignidade, que podemos perder de muitas maneiras e formas. Mas, nisto, Jesus é um obstinado: deu a sua vida por isto, para nos devolver a identidade perdida, para nos revestir com toda a sua força de dignidade.

Lembro-me duma experiência que nos pode ajudar. Pedro e Paulo, discípulos de Jesus, também estiveram encarcerados; também foram privados da liberdade. Nessa circunstância, houve algo que os sustentou, algo que não os deixou cair no desespero, que não os deixou cair na escuridão que pode brotar da falta de sentido: foi a oração. Foi orar. Oração pessoal e comunitária. Eles rezaram, e por eles se rezava. Dois movimentos, duas ações que geram entre si uma rede que sustenta a vida e a esperança. Sustenta-nos contra o desespero e incentiva-nos a prosseguir o caminho. Uma rede que vai sustentando a vida, a vossa e a das vossas famílias. Tu falavas da tua mãe [dirigindo-se à pessoa que deu o seu testemunho no começo]. A oração das mães, a oração das esposas, a oração dos filhos, a vossa oração: isto é uma rede, que vai levando a vida para adiante.

Porque uma pessoa, quando Jesus entra na sua vida, não fica detida no seu passado, mas começa a olhar o presente de outra forma, com outra esperança. A pessoa começa a ver com outros olhos a si mesma, a sua própria realidade. Não fica enclausurado no que aconteceu, mas é capaz de chorar e encontrar nisso a

força para voltar a começar. E, se em determinados momentos nos sentimos tristes, estamos mal, abatidos, convido-vos a fixar o rosto de Jesus crucificado. No seu olhar, todos podemos encontrar espaço. Todos podemos colocar junto d'Ele as nossas feridas, as nossas dores e também os nossos erros, nossos pecados, tantas coisas em que podemos ter errado. Nas chagas de Jesus, encontram lugar as nossas chagas. Porque todos estamos chagados, de uma ou outra maneira. E então levar as nossas chagas até às chagas de Jesus. Para que? Para serem curadas, lavadas, transformadas, ressuscitadas. Ele morreu por ti, por mim, para nos dar a mão e levantar-nos. Conversai com os sacerdotes que aqui vêm, conversai. Conversai com todos os que vêm para falar-vos de Jesus. Jesus sempre vos quer levantar.

Esta certeza move-nos a trabalhar pela nossa dignidade. Reclusão não é o mesmo que exclusão – que fique claro -, porque a reclusão faz parte dum processo de reinserção na sociedade. Há muitos elementos – bem o sei – que jogam contra este lugar, e tu [dirigindo-se novamente à pessoa que deu o seu testemunho no começo] mencionaste alguns destes elementos com muita clareza: a superlotação, a morosidade da justiça, a falta de terapias ocupacionais e de políticas de reabilitação, a violência, a carência de facilidades de estudos universitários. Tudo isso torna necessário uma pronta e eficaz aliança interinstitucional para se encontrar respostas.

Mas, enquanto se luta por isso, não podemos dar tudo por perdido. Hoje há coisas que podemos fazer.

Aqui, neste Centro de Reabilitação, a convivência depende em parte de vós. O sofrimento e a privação podem tornar o nosso coração egoísta e levar a confrontos, mas também temos a capacidade de os transformar em ocasião de autêntica fraternidade. Ajudai-vos mutuamente. Não tenhais medo de vos ajudar entre vós. O diabo procura a briga, procura a rivalidade, a divisão, os bandos. Não lhe deis ouvido. Lutai para sairdes vencedores contra ele, unidos.

Gostaria também de vos pedir que leveis a minha saudação às vossas famílias. Algumas estão aqui. É tão importante a presença e a ajuda da família! Os avós, o pai, a mãe, os irmãos, o cônjuge, os filhos. Lembram-nos que vale a pena viver e lutar por um mundo melhor.

Finalmente, uma palavra de encorajamento a todos os que trabalham neste Centro: aos seus dirigentes, aos agentes da Polícia Carcerária, a todo o pessoal. Vós realizais um serviço público fundamental. Desempenhais uma tarefa importante neste processo de reinserção; tarefa de levantar e não rebaixar, de dignificar e não humilhar, de animar e não acabrunhar. Este processo requer deixar a lógica de bons e maus para passar a uma lógica centrada na ajuda à pessoa. E esta lógica de ajudar a pessoa vos salvará a vós de todo o tipo de corrupção e melhorará as condições para todos, porque um processo assim vivido dignifica-nos, anima-nos e levanta-nos a todos.

Antes de vos dar a bênção, gostaria que rezássemos uns momentos em silêncio, em silêncio cada um desde o seu coração. Cada um faça-o como sabe.

Por favor, peço-vos que continueis a rezar por mim, porque eu também tenho os meus erros e devo fazer penitência. Muito Obrigado!

[silêncio]

E que Deus nosso Pai olhe o nosso coração; e que Deus nosso Pai, que nos ama, nos dê a sua força, sua paciência, sua ternura de Pai e nos abençoe. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. E não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado.

PARAGUAI

Discurso Encontro com as autoridades e com o corpo diplomático Sexta-feira, 10 de julho de 2015

Senhor Presidente,

Autoridades da República,

Membros do Corpo Diplomático,

Senhoras e Senhores!

Saúdo cordialmente Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, e agradeço-lhe as deferentes palavras de boas-vindas e estima que me dirigiu, em nome próprio e ainda do governo, dos altos cargos do Estado e do querido povo paraguaio. Saúdo também os ilustres membros do Corpo Diplomático e, através deles, faço chegar os meus sentimentos de respeito e apreço aos respectivos países.

Um sentido «obrigado» a todas as pessoas e instituições que colaboraram, com esforço e dedicação, na preparação desta viagem para que me sentisse em casa. Não é difícil sentir-se em casa, nesta terra tão acolhedora. O Paraguai é conhecido como o coração da América, não só pela sua posição geográfica mas também pelo calor da hospitalidade e proximidade do seu povo.

Desde os seus primeiros passos como nação independente até dias ainda recentes, a história do Paraguai conheceu o sofrimento terrível da guerra, do confronto fratricida, da falta de liberdade e da violação dos direitos humanos. Tanta dor e tanta morte! Mas é admirável a tenacidade e o espírito de superação do povo paraguaio para se refazer perante tanta adversidade e prosseguir nos seus esforços por construir uma nação próspera e em paz. Aqui, no jardim deste palácio – que foi testemunha da história do Paraguai, desde quando era apenas margem do rio e era usado pelos Guaranis até aos últimos acontecimentos contemporâneos – quero prestar homenagem aos milhares de paraguaios simples, cujos nomes não aparecerão escritos nos livros de história mas que foram e continuam a ser verdadeiros protagonistas da vida do seu povo. E quero reconhecer, com emoção e admiração, o papel desempenhado pela mulher paraguaia nestes momentos dramáticos da história. Sobre os seus ombros de mães, esposas e viúvas carregaram o peso maior, souberam levar por diante as suas famílias e o seu país, infundindo nas novas gerações a esperança num amanhã melhor.

Um povo que esquece o seu passado, a sua história, as suas raízes, não tem futuro. A memória, firmemente apoiada na justiça e livre de sentimentos de vingança e ódio, transforma o passado numa fonte de inspiração para construir um futuro de convivência e harmonia, tornando-nos cientes da tragédia e insensatez que é a guerra. Nunca mais guerras entre irmãos! Construamos sempre a paz! Uma paz também do dia a dia, uma paz da vida quotidiana na qual todos participamos evitando gestos arrogantes, palavras ofensivas, atitudes prepotentes e, positivamente, fomentando a compreensão, o diálogo e a colaboração.

Desde há vários anos que o Paraguai está empenhado na construção dum projeto democrático sólido e estável. É justo reconhecer, com satisfação, quanto progresso se fez neste caminho, graças aos esforços de todos, mesmo no meio de grandes dificuldades e incertezas. Encorajo-vos a continuar trabalhando com todas as vossas forças para consolidar as estruturas e instituições democráticas que deem resposta às justas

aspirações dos cidadãos. A forma de governo adotada na Constituição – uma «democracia representativa, participativa e pluralista» –, baseada na promoção e respeito dos direitos humanos, afasta a tentação da democracia puramente formal, definida no documento de Aparecida como aquela que se contenta com estar «fundada em procedimentos eleitorais honestos» (cf. Aparecida 74).

Em todas as áreas da sociedade, mas especialmente na atividade pública, deve-se promover o diálogo como meio privilegiado para favorecer o bem comum, baseado na cultura do encontro, do respeito e do reconhecimento das legítimas diferenças e opiniões dos outros. Não se deve deter no conflito; um exercício interessante é decantar, no amor à pátria e ao povo, toda a perspectiva que nasce das convicções duma opção partidária ou ideológica. E o mesmo amor deve ser o motor para crescer diariamente em gestões transparentes que lutam com ímpeto contra a corrupção.

Queridos amigos, nesta vontade de serviço e trabalho pelo bem comum, devem ocupar um lugar prioritário os pobres e necessitados. Muitos esforços estão a ser feitos para que o Paraguai avance no caminho do crescimento econômico. Deram-se passos importantes no campo da educação e da saúde. Que o esforço de todos os agentes sociais não cesse até que deixe de haver crianças sem acesso à educação, famílias sem teto, operários sem trabalho digno, camponeses sem terras para cultivar e pessoas obrigadas a emigrar para um futuro incerto; deixe de haver vítimas da violência, da corrupção ou do narcotráfico. Um desenvolvimento econômico que não tem em conta os mais fracos e desfavorecidos não é verdadeiro desenvolvimento. A medida do modelo econômico deve ser a dignidade integral do ser humano, especialmente dos mais vulneráveis e indefesos.

Senhor Presidente, queridos amigos! Desejo, em nome também dos meus irmãos bispos do Paraguai, assegurar-lhes o empenho e a colaboração da Igreja Católica no esforço comum por construir uma sociedade justa e inclusiva, onde se possa viver em paz e harmonia. Porque todos nós, incluindo os pastores da Igreja, somos chamados a preocupar-nos com a construção dum mundo melhor (cf. *Evangeli gaudium*, 183). A isso nos move a certeza da nossa fé em Deus, que quis fazer-Se homem e, vivendo entre nós, compartilhar o nosso destino. Cristo abre-nos o caminho da misericórdia, que se baseia na justiça mas vai mais longe e ilumina a caridade, de modo que ninguém fique à margem desta grande família que é o Paraguai, ao qual amais e quereis servir.

Com imensa alegria por me encontrar nesta terra consagrada à Virgem de Caacupé, imploro a bênção do Senhor sobre todos vós, sobre as vossas famílias e sobre todo o querido povo paraguaio. Que o Paraguai seja fecundo como o indica a flor da passiflora no manto da Virgem e, como essa faixa com as cores do Paraguai que cinge a imagem, assim a nação se abraça à Mãe de Caacupé. Muito obrigado!

Visita ao Hospital Pediátrico Niños de Acosta Ñu Sábado, 11 de Julho de 2015

Senhor Diretor,

Queridas crianças, Membros do pessoal,

Amigos todos!

Obrigado pela recepção tão calorosa que me fizeram! Obrigado por este tempo que me concedeis passar convosco!

Queridas crianças, quero fazer-vos uma pergunta, para ver se me ajudais. Disseram-me que sois muito inteligentes, pelo que me animei a fazê-la: Jesus zangou-se alguma vez? Lembrai-vos quando foi? Eu sei que é uma pergunta difícil, dou-vos uma ajuda. Foi quando não deixaram aproximar-se d'Ele as crianças. É a única vez, em todo o Evangelho de Marcos, que se usa esta palavra (Mc 10, 13-15). Significa quase o mesmo que a nossa expressão: encheu-se de ira. Já alguma vez vos zangastes? Pois bem! Foi assim que ficou Jesus, quando não deixaram vir para junto d'Ele as crianças, crianças como vós. Ele ficou muito zangado. As crianças contam-se entre os prediletos de Jesus. Não significa que não gostava dos mais velhos, mas que Se sentia feliz quando podia estar com elas. Fazia-lhe muito bem a amizade e companhia delas. E não só queria tê-las perto; mais do que isso: deu-as como exemplo. Disse aos discípulos: «Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino do Céu» (Mt 18, 3).

As crianças estavam longe, os mais velhos não as deixavam aproximar-se, mas Jesus chamou-as, abraçou-as e pô-las no meio para que todos aprendêssemos a ser como elas. Hoje Ele diria o mesmo a nós. Fixa-nos e diz: Aprendei delas.

Devemos aprender de vós, da vossa confiança, alegria, ternura; da vossa capacidade de luta, da vossa fortaleza; da vossa capacidade incomparável de resistir. Sois uns lutadores. E, quando alguém tem tais «guerreiros» à sua frente, sente-se orgulhoso. Não é verdade, ó mães? Não é verdade, ó pais e avós? Ver-vos dá-nos força, dá-nos coragem para ter confiança, para avançar.

Mães, pais, avós, sei que não é nada fácil estar aqui. Há momentos de muita dor, incerteza. Há momentos de forte angústia que oprime o coração, e há momentos de grande alegria. Os dois sentimentos coexistem, estão em nós. Mas não há melhor remédio que a vossa

ternura, a vossa proximidade. E alegra-me saber que, entre vós famílias, vos ajudais, animais, dais um «empurrãozinho» para prosseguir e atravessar este momento.

Contais com o apoio dos médicos, dos enfermeiros e de todo o pessoal desta casa. Obrigado por esta vocação de serviço, que ajuda não só a curar, mas também a acompanhar a dor dos vossos irmãos.

Não nos esqueçamos disto: Jesus está perto dos vossos filhos; está muito perto: no coração. Não hesiteis em suplicar Lhe, não hesiteis em falar com Ele, em compartilhar as vossas dúvidas, as vossas dores. Ele está sempre ao vosso lado; mas sempre, e não vos deixará cair.

E, duma coisa, temos a certeza e mais uma vez o confirmo. Onde estiver um filho, está a mãe. Onde estiver Jesus, está Maria, a Virgem de Caacupé. Peçamos-lhe que vos proteja com o seu manto, que interceda por vós e pelas vossas famílias.

E não vos esqueçais de rezar por mim. Tenho a certeza de que as vossas orações chegam ao céu.

Homilia Praça do Santuário Mariano de Caacupé Sábado, 11 de julho de 2015

Estar aqui com vocês é me sentir em casa, aos pés da nossa Mãe, a Virgem dos Milagres de Caacupé. Num santuário, nós, filhos, nos encontramos com a nossa Mãe e nos lembramos de que somos irmãos uns dos outros. É um lugar de festa, de encontro, de família. Vimos apresentar as nossas necessidades, vimos agradecer, pedir perdão e recomeçar. Muitos batismos, muitas vocações sacerdotais e religiosas, muitos namoros e matrimônios nasceram aos pés da nossa Mãe. Muitas lágrimas e despedidas. Vimos sempre com a nossa vida, porque aqui estamos em casa e o melhor de tudo é saber que há alguém que nos espera.

Como tantas outras vezes, viemos porque queremos renovar a paixão de viver a alegria do Evangelho.

Como não reconhecer que este Santuário é parte vital do povo paraguaio, de vocês. Assim o sentis, assim o rezais, assim o cantais: 'No teu Éden de Caacupé, é o teu povo, Virgem pura, que Te dá o seu amor e fé'. E estamos hoje, como Povo de Deus, aos pés da nossa Mãe para Lhe dar o nosso amor e fé.

No Evangelho, acabamos de ouvir o anúncio do Anjo a Maria com estas palavras: Alegra-Te, ó cheia de graça, o Senhor está contigo. Alegra-Te, Maria; alegre-Te! Perante essa saudação, Ela ficou perplexa e Se interrogava sobre o seu significado. Não entende grande coisa do que estava acontecendo; mas soube que vinha de Deus e disse: Sim.

Um sim que não foi nada fácil de viver, como sabemos. Um sim, que não a cumulou de privilégios nem distinções; antes, como Lhe dirá Simeão na sua profecia, 'uma espada [Lhe] trespassará a alma' (Lc 2, 35). E sabemos que a trespassou... Por isso A amamos tanto, encontrando n'Ela uma verdadeira Mãe que nos ajuda a manter viva a fé e a esperança no meio das situações mais complicadas. Seguindo a profecia de Simeão, nos fará bem rever brevemente três momentos difíceis na vida de Maria.

1. O nascimento de Jesus. Não havia lugar para eles. Não tinham uma casa, uma morada para receber o seu filho. Não havia lugar, onde pudesse dar à luz. Nem família por perto, estavam sozinhos. O único lugar disponível era um curral de animais. E, na sua memória, ecoavam certamente as palavras do Anjo: Alegra-Te, Maria, o Senhor está contigo. E poderia ter Se perguntado: Onde está Ele agora?

2. A fuga para o Egito. Tiveram de partir, Se exilar. Em Belém, não só não havia lugar nem família, mas até mesmo as suas vidas corriam perigo. Tiveram que sair, partindo para uma terra estrangeira. Foram emigrantes pela cobiça e a ganância do Rei Herodes. E lá poderia ter Se perguntado: Onde está aquilo que o Anjo me disse?

3. A morte na cruz. Não deve haver situação mais difícil para uma mãe do que acompanhar a morte de um filho. São momentos lancinantes. Lá, ao pé da cruz, vemos Maria, como qualquer mãe, firme, sem abandonar, mas acompanhando seu filho até ao momento extremo da morte e morte de cruz. E, em seguida, contendo e sustentando os discípulos.

Vemos a sua vida e nos sentimos compreendidos, entendidos. Podemos nos sentar, rezar e usar uma linguagem comum a tantas situações que vivemos diariamente. Podemos nos identificar com muitas situações da sua vida. Contar-Lhe as nossas coisas, porque Ela as entende.

Ela é a mulher de fé, é a Mãe da Igreja, Ela acreditou. A sua vida é testemunha de que Deus não decepciona, não abandona o seu Povo, embora existam momentos ou situações onde parece que Ele não está. Ela foi a primeira discípula que acompanhou seu Filho e sustentou a esperança dos apóstolos nos momentos difíceis. Foi a mulher que esteve atenta e soube dizer – quando parecia ser o fim da festa e da alegria: ‘Não têm vinho!’ (Jo 2, 3). Foi a mulher que soube ir e ficar com a sua prima Isabel ‘cerca de três meses’ (Lc 1, 56), para essa não estar sozinha no parto. Essa é nossa Mãe, boa e generosa.

Sabemos tudo isso pelo Evangelho; mas também sabemos que, nesta terra, é a Mãe que esteve ao nosso lado em muitas situações difíceis. Este Santuário guarda como um tesouro a memória de um Povo que sabe que Maria é Mãe, que esteve e está ao lado dos seus filhos.

Esteve e está nos nossos hospitais, nas nossas escolas, nas nossas casas. Esteve e está nos nossos trabalhos e nos nossos caminhos. Esteve e está à mesa de cada lar. Esteve e está na formação da Pátria, fazendo-nos uma Nação. Sempre com uma presença discreta e silenciosa. Quando olhamos uma imagem, santinho ou medalha, o sinal de um terço, sabemos que não andamos sozinhos, que Ela nos acompanha. Por que motivo? Porque Maria quis estar no meio de seu Povo, com os seus filhos, com a sua família. Seguindo sempre Jesus, no meio da multidão. Não quis, como boa mãe, abandonar os seus; antes pelo contrário, sempre apareceu onde um filho podia ter necessidade d’Ela. E isso, só porque é Mãe.

Uma Mãe que aprendeu a ouvir e a viver, no meio de tantas dificuldades, aquele ‘não temas, o Senhor está contigo’. Uma Mãe que continua a nos dizer: ‘Fazei o que Ele vos disser’. Esse é o seu convite constante e contínuo: ‘Fazei o que Ele vos disser’. Não tem um programa próprio, não vem nos dizer nada de novo. Apenas a sua fé acompanha a nossa fé.

Vocês sabem disso, experimentaram o que estamos partilhando convosco. Todos vocês, todos os paraguaios têm a memória viva de um Povo que encarnou essas palavras do Evangelho. E quero me referir de modo especial a vocês, mulheres e mães paraguaias, que, com grande coragem e dedicação, souberam levantar um país derrotado, afundado, submerso pela guerra. Vocês têm a memória, o DNA daquelas que reconstruíram a vida, a

fé, a dignidade do seu povo. Como Maria, viveram situações muito, muito difíceis, que, vistas sob uma lógica comum, poriam em causa toda a fé. Pelo contrário vocês, como Maria, impelidas e sustentadas pelo seu exemplo, continuaram crentes, inclusive 'com uma esperança para além do que se podia esperar' (Rm 4, 18). Quando tudo parecia se desmoronar, diziam juntamente com Maria: Não temamos! O Senhor está conosco, está com o nosso povo, com as nossas famílias; façamos o que Ele nos disser. E, assim, encontraram ontem e encontram hoje força para não deixar que esta terra caia no caos. Deus abençoe essa tenacidade, Deus abençoe e anime a fé de vocês, Deus abençoe a mulher paraguaia, a mais gloriosa da América.

Como povo, viemos à nossa casa, à casa da Pátria paraguaia, para ouvir mais uma vez estas palavras que nos fazem muito bem: 'Alegra-te, o Senhor está contigo'. São um apelo a não perder a memória, as raízes, os inúmeros testemunhos que receberam de povo crente, comprovado pelas suas lutas. Uma fé que se fez vida, uma vida que se fez esperança e uma esperança que vos leva a 'primeirear' na caridade. Sim, como Jesus, 'primeireou' no amor. Sejam vocês os portadores desta fé, desta vida, desta esperança. Sejam vocês, paraguaios, os forjadores deste hoje e do amanhã.

Voltando o olhar para a imagem de Maria, convido vocês a dizer juntos: 'No teu Éden de Caacupé, é o teu povo, Virgem pura, que Te dá o seu amor e fé'. Todos juntos: 'No teu Éden de Caacupé, é o teu povo, Virgem pura, que Te dá o seu amor e fé'. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos de alcançar as promessas e graças de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém

Oração de Consagração do Paraguai a Virgem Maria de Caacupé

Sábado, 11 de julho de 2015

Oh! Senhora e Nossa Mãe, Virgem de tantos rostos e tantos nomes, que aqui é infinitamente amada como Tupasý Caacupé te consagramos o Paraguai, Coração da América, com todos seus habitantes, tenha sob seu amparo constante a Igreja de Cristo aqui presente, aos governantes e a todas as famílias. Protege também todos os paraguaios e paraguaias, todos que tiveram que migrar e mesmo na distancia, com tantas provações não se esquecem de ti.

Ajuda-nos Virgem que todos podamos experimentar a misericórdia de Deus, como discípulos missionários de teu filho Jesus Cristo, possamos construir uma nação santas inspiradas no evangelho, no qual prevaleça a solidariedade, justiça, verdade, alegria e paz e possamos alcançar a reconciliação tão desejada para todos os filhos desta abençoada terra guarani. Amém.

Discurso do Papa Francisco com representantes da sociedade civil

Sábado, 11 de julho de 2015

Boa tarde!

Eu escrevi isto com base nas perguntas que me chegaram, que não são todas as que vocês fizeram, assim que, aquilo que faltar, irei completando na medida que vou falando. de tal maneira que na medida que eu possa, quero dar minha opinião sobre as reflexões de vocês.

Sinto-me feliz em estar convosco, representantes da sociedade civil, para partilhar esses sonhos e esperanças num futuro melhor e problemas. Agradeço a D. Adalberto Martínez Flores, Secretário da Conferência Episcopal do Paraguai, essas palavras de boas-vindas que me dirigiu em nome de todos. E agradeço às seis pessoas que falaram, cada uma delas representando um aspecto de sua reflexão.

Ver-vos a todos, um vindo de um setor, dum organização desta sociedade paraguaia, com as suas alegrias, preocupações, lutas e motivações, leva-me a dar graças a Deus. Ou seja, parece que o Paraguai não está morto, graças a Deus. Porque um povo que vive, um povo que não mantém vivas as suas preocupações, um povo que vive na inércia dum aceitação passiva é um povo morto. Pelo contrário, em vós, vejo a seiva dum vida que não para e quer germinar. Isto, Deus sempre o abençoa. Deus está sempre a favor de tudo o que ajuda a levantar e melhorar a vida dos seus filhos. É verdade que há coisas que estão mal; há situações injustas. Mas o fato de vos ver e ouvir ajuda-me a renovar a esperança no Senhor, que continua a atuar no meio do seu povo. Vocês vem de diferentes panoramas, situações e causas; todos juntos formais a cultura paraguaia. Todos sois necessários na busca do bem comum. «Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas» (LS 158), ver-vos todos aqui é uma dádiva. É um presente porque nas pessoas que falaram, vi a vontade pelo bem da pátria.

1. Relativamente à primeira questão, gostei de ouvir da boca dum jovem a preocupação de fazer com que a sociedade seja um espaço de fraternidade, justiça, paz e dignidade para todos. A juventude é um tempo de grandes ideais. Muitas vezes me vem de dizer, que me dá tristeza ver um jovem aposentado. Como é

importante que vocês, jovens, comecem a intuir que a verdadeira felicidade passa através da luta de um país mais fraterno! E é bom que vocês, jovens, vejam que felicidade e prazer não são sinônimos. Uma coisa é a felicidade e o gozo que vem e outra é um prazer passageiro. A felicidade constrói, é sólida, edifica. A felicidade exige compromisso e entrega. Vocês são demasiado valiosos, e por isto o compromisso, a entrega, são muito valiosos e não como que para andar pela vida como que anestesiados! O Paraguai possui uma população jovem abundante, o que constitui uma grande riqueza. Por isso, penso que a primeira coisa a fazer é evitar que essa força se apague, esta luz que tendes em vossos corações desapareça, contrastando a mentalidade crescente que considera inútil e absurdo aspirar a coisas que valham a pena. “Não que não te intrometas, não, isto não se ajeita mais” – essa mentalidade que pretende ir mais além é considerada absurda. (...). Mas jogá-la por algo, jogá-la por alguém. Esta é a vocação da juventude e não tendes medo de deixar tudo para trás. Joguem limpo, joguem com todos. Não tendes medo de dar o vosso melhor. Não busquem o conchavo prévio para evitar o cansaço, a luta. Não corrompam.

Isto sim, esta luta, não a façam sozinhos. Procurai dialogar, aproveitai para escutar a vida, as vicissitudes, as histórias dos vossos pais e dos vossos avós, que tem sabedoria alí. Perdei muito tempo a ouvir todo o bem que têm para vos ensinar. Eles são os guardiões desse patrimônio espiritual de fé e de valores que definem um povo e iluminam o caminho. Encontrem conforto também na força da oração, em Jesus. Na sua presença diária e constante. Ele não decepciona. Jesus convida através da memória do seu povo, é o segredo para o vosso coração se manter sempre alegre na busca de fraternidade, justiça, paz e dignidade para todos. Que isto pode ser um perigo – “Sim, sim, eu quero fraternidade, justiça, paz, dignidade” – porém pode converter-se em um nominalismo. Pura palavra! Não! A fraternidade, a justiça, a paz e a dignidade devem ser concretas, senão, não servem. São de todos os dias! Devem ser praticadas todos os dias! Então, eu pergunto a vocês, jovens, como trabalhas com estes ideais no dia a dia, no concreto? Ainda que te equivocas, te corrigas e torne a andar. Porém, no concreto. Eu confesso para vocês que às vezes me dá um pouco de alergia, ou para não dizer em termos tão finos, um pouco de ‘mormo’, ao escutar discursos grandiloquentes com todas estas palavras e quando se conhece a pessoa que fala, diz: “Que mentiroso que és”. Por isto, somente palavras não servem. Se vocês dizem uma palavra, comprometam-se com

esta palavra, trabalhem-na no dia a dia, dia a dia. Se sacrifiquem por isto! Se comprometam!

Gostei da poesia de Carlos Miguel Giménez, que D. Adalberto Martínez citou. Acho que resume muito bem o que eu vos quis dizer: «[Sonho] um paraíso sem guerra entre irmãos, rico em homens saudáveis de alma e coração (...) e um Deus que abençoa a sua nova ascensão». Sim, é um sonho. E tem duas garantias: que o sonho se desperte e seja realidade de todos os dias, e que Deus seja reconhecido como a garantia da dignidade nossa como homens.

2. A segunda referiu-se ao diálogo como meio para forjar um projeto de Nação que inclua a todos. O diálogo não é fácil. Também existe o diálogo-teatro, por assim dizer, representamos dialogar, jogamos com o diálogo e depois falamos entre nós dois, entre nós dois. O diálogo está sobre a mesa. Se vocês, no diálogo, não dizem realmente o que sentem, o que pensam, e não se comprometem em escutar o outro, em ir ajustando o que vais pensando e conversando, o diálogo não serve, é uma pintura. Agora, também é verdade que o diálogo não é fácil, tem que superar muitas dificuldades e às vezes parece que nos obstinamos em tornar as coisas ainda mais difíceis. Para que haja diálogo, é necessário uma base fundamental, uma identidade. Certo, por exemplo, eu penso no diálogo nosso, no diálogo inter-religioso, onde representantes das diversas religiões conversam. Nos reunimos, às vezes, para falar... os pontos de vista..., porém cada um fala de sua identidade: “Eu sou budista, eu sou evangélico, eu sou ortodoxo, eu sou católico”. Cada um fala, porém, de sua identidade. Não negocia sua identidade. Ou seja, para que haja diálogo, é necessário esta base fundamental. E qual é a identidade em um país? - estamos falando do diálogo social aqui – o amor à Pátria. A Pátria primeiro, depois meu negócio. A Pátria primeiro! E essa é a identidade. Então eu, a partir desta identidade, vou dialogar. Se vou dialogar sem esta identidade, o diálogo não serve. Ademais, o diálogo pressupõe e exige de nós buscar esta cultura do encontro; um encontro que sabe reconhecer que a diversidade não só é boa, mas necessária. A uniformidade nos anula, nos faz autômatos. A riqueza da vida está na diversidade. Pelo que o ponto de partida não pode ser: “Vou dialogar porém aquele está equivocado”. Não, não, não podemos presumir que o outro está equivocado. Eu vou com o meu e vou escutar o que diz o outro, em que me enriquece o outro, em que o outro me faz perceber que eu estou equivocado e que coisas posso eu dar ao outro. É um ida e volta, ida e volta, porém com o coração aberto. Com presunções de que

o outro está equivocado, o melhor é ir para casa e não tentar um diálogo, não é mesmo? O diálogo é para o bem comum e o bem comum se busca, a partir das nossas diferenças, possibilitando sempre novas alternativas. Por outras palavras, busca algo de novo. Sempre, quando existe o verdadeiro diálogo, se termina em um ... - me permitam a palavra, porém a digo com nobreza – em um acordo novo, onde todos chegamos a um acordo sobre algo. Existem diferenças? Que fiquem de lado, na reserva. Porém neste ponto em que chegamos a um acordo ou nestes pontos em que chegamos a um acordo, nos comprometemos e os defendemos. É um passo em frente. Esta é a cultura do encontro. Dialogar não é negociar. Negociar é procurar tirar a própria fatia. Ver como tiro o meu. Não, não dialogues, não perca tempo. Se vais com esta intenção, não percas tempo, pois dialogar é buscar o bem comum para todos. Discutir juntos, pensar uma melhor solução para todos. Muitas vezes esta cultura do encontro vê-se envolvida no conflito. É como dizer... recém vimos um balé precioso. Tudo estava coordenado. Tudo estava perfeito. Tudo ia bem. Porém, no diálogo, nem sempre é assim, nem tudo é um balé perfeito ou uma orquestra coordenada. No diálogo se dá o conflito. É lógico e previsível. Pois se eu penso de uma maneira e você de outra e vamos andando, se cria um conflito. Não devemos temer isto! Não temos que ignorar o conflito. Pelo contrário, somos convidados a assumir o conflito. Se não assumimos o conflito – “Não, é uma dor de cabeça, que vá com suas ideias para sua casa e eu fico com a minha” – não podemos dialogar nunca. Isto significa «aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo» (EG 227). Vamos dialogar, tem conflito, o assumo, o resolvo e é um elo de um novo processo. É um princípio que pode nos ajudar muito. A «unidade é superior ao conflito» (EG 228). O conflito existe: tem que assumi-lo, tem que tentar resolvê-lo até onde se consegue, porém com o objetivo de chegar a uma unidade que não é uniformidade, mas sim uma unidade na diversidade. Uma unidade que não cancela as diferenças, mas vive-as em comunhão por meio da solidariedade e da compreensão. Ao tentar compreender as razões do outro, ao tentar ouvir a sua experiência, os seus anseios, podemos ver que são, em grande parte, aspirações comuns. E esta é a base do encontro: todos somos irmãos, filhos de um mesmo Pai, de um Pai celestial, e cada um, com a sua cultura, a sua língua, as suas tradições, tem muito para dar à comunidade. Agora, eu estou disposto a receber isto? Se estou disposto a receber e dialogar com isto, então me sento para dialogar; se não estou disposto, melhor nem perder tempo. As verdadeiras culturas nunca estão fechadas em si mesmas, morrem – se se fecham em si mesmas morrem - mas são chamadas a encontrar-se com outras culturas e

criar novas realidades. Quando estudamos história encontramos culturas milenares que já não existem mais. Desapareceram. Por muitas razões. Porém, uma delas, é terem-se fechado em si mesmas. Sem este pressuposto essencial, sem esta base de fraternidade, será muito difícil que se chegue ao diálogo. Se alguém considera que há pessoas, culturas, situações de segunda, terceira ou quarta categoria, de certeza que algo acabará mal, simplesmente porque carece do mínimo, que é o o reconhecimento da dignidade do outro. Que não existe uma pessoa de primeira, de segunda, de terceira, de quarta: são todas da mesma linha.

3. E isto dá-me ocasião para responder à preocupação expressa na terceira pergunta: acolher o clamor dos pobres, para construir uma sociedade mais inclusiva. É curioso: o egoísta se exclui. Nós queremos incluir. Recordem-se da Parábola de Filho Pródigo, este filho que pediu a herança do pai, levou todo o dinheiro, o gastou com a boa vida, e ao final de um longo tempo, após ter perdido tudo, pois lhe doía o estômago de fome, se lembrou de seu pai. E seu pai o esperava. É a figura de deus, que sempre nos espera. E quando o vê retornar, o abraça e faz festa. Por outro lado, o outro filho, aquele que permaneceu em casa, se enoja e se auto exclui: “eu não me junto com estas pessoas, eu me comportei bem, eu tenho uma grande cultura, estudei em tal ou tal universidade, tenho uma família e esta estirpe. De modo que não me misturo com estes”. Não excluir ninguém, porém não se auto excluir, porque todos necessitamos de todos. Também um aspecto fundamental na promoção dos pobres é o modo como os vemos. Não serve uma visão ideológica, que acaba usando os pobres ao serviço de outros interesses políticos e pessoais (EG 199). As ideologias terminam mal, não servem. As ideologias tem uma relação ou incompleta ou doente ou ruim com o povo. As ideologias não assumem o povo. Por isto, olhem para o século passado. Em que terminaram as ideologias? Em ditaduras, sempre, sempre. Pensam pelo povo, não deixam ao povo pensar. Ou, como dizia aquele crítico da ideologia, quando lhe disseram, "sim, porém estas pessoas têm boa vontade e querem fazer alguma coisa pelo povo" - "sim, sim, sim, tudo pelo povo, porém nada com o povo". Estas são as ideologias. Para se buscar efetivamente o seu bem, a primeira coisa é ter uma preocupação genuína pela sua pessoa – estou falando dos pobres - valorizá-los na sua própria bondade. Mas uma avaliação real exige estar dispostos a aprender dos pobres, aprender deles. Os pobres têm muito para nos ensinar em humanidade, bondade, sacrifício, em solidariedade. Nós, cristãos, além disto, temos outro motivo, e maior, para amar e servir os pobres, porque neles, vemos o rosto, vemos o rosto e

a carne de Cristo, que Se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza» (cf. 2 Cor 8, 9). Os pobres são a carne de Cristo. Eu gostaria de perguntar a alguém, quando confesso pessoas – agora não tenho tantas oportunidades para confessar como tinha na minha diocese anterior -, porém, gosto de perguntar-lhes: “Você ajuda as pessoas?” – “sim, sim, dou esmola” – “ah, diga-me, quando dá a esmola, tocas a mão a quem dá a escola ou atira a moeda e faz assim?”. São atitudes. “Quando você dá esta esmola, olha em seus olhos ou olha para o outro lado?”. Isto é depreciar o pobre. São os pobres. Pensemos bem. É alguém como eu e, se está passando por um mal momento por mil razões – econômicas, políticas, sociais ou pessoais – eu poderia estar neste lugar e poderia estar desejando que alguém me ajudasse. E além de desejar que alguém me ajude, se estou neste lugar, tenho o direito de ser respeitado. Respeitar o pobre. Não usá-lo como objeto para lavar minhas culpas. Aprender dos pobres, como o que diz, com as coisas que tem, com os valores que tem. E os cristãos têm este motivo, que são a carne de Jesus.

Num país, é certamente muito necessário o crescimento econômico e a criação de riqueza e que esta chegue a todos os cidadãos, sem ninguém ficar excluído. E isto é necessário. A criação desta riqueza deve estar sempre em função do bem comum, de todos, e não de poucos. Nisto, devemos ser muito claros. «A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Ex 32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto» (EG 55). As pessoas, cuja vocação é contribuir para o desenvolvimento econômico, têm a obrigação de velar por que este tenha sempre rosto humano. O desenvolvimento econômico tem que ter um rosto humano. Não à economia sem rosto! Nas suas mãos, está a possibilidade de oferecer emprego a muitas pessoas e, deste modo, dar esperança a muitas famílias. Trazer o pão para casa, oferecer aos filhos um teto, oferecer saúde e educação são aspectos essenciais da dignidade humana, e os empresários, os políticos, os economistas devem deixar-se interpelar por isso. Peço-vos que não cedais a um modelo econômico idólatra que exige sacrificar vidas humanas no altar do dinheiro e do lucro. Na economia, na empresa, na política, vem em primeiro lugar a pessoa e o habitat onde vive.

Em todo o mundo, o Paraguai é conhecido, justamente, como a terra onde tiveram início as Reduções, uma das experiências de evangelização e organização social mais interessantes da história. Nelas, o Evangelho foi alma e vida de comunidades onde não havia fome, não havia desemprego, analfabetismo, nem opressão. Esta experiência histórica ensina-nos que uma sociedade mais humana também é possível hoje. Vocês a viveram em suas raízes aqui. É possível. Quando há amor ao

homem e vontade de o servir, é possível criar as condições para que todos tenham acesso aos bens necessários, sem que ninguém seja descartado. Buscar em cada caso as soluções para o diálogo. Eu estou por terminar aquilo que havia escrito, porém não quero que fique nada comigo daquilo que me perguntaram.

Na quarta pergunta, respondi com isto de... uma economia toda em função da pessoa e não em função do dinheiro, não? E falavam da pouca efetividade. A senhora, a empresária, falava a pouca efetividade de certos caminhos. E mencionava alguém que eu havia mencionado na *Evangelii Gaudium*, que é o populismo irresponsável, não estou certo? E parece que não dão efeito, não?, que... e tem tantas teorias, não? Como fazê-lo? Creio que com isto que digo de uma economia com rosto humano, está a inspiração para responder a esta pergunta.

Na quinta, (...) cultura, creio que teria (...) a resposta está dada ao longo do que disse quando falei das culturas. Ou seja, tem uma cultura ilustrada, que é a cultura e é boa e tem que respeitá-la, certo? Hoje, por exemplo, em uma parte do balé, foi tocada uma música de uma cultura ilustrada e boa, porém tem outra cultura que tem o mesmo valor, que é a cultura dos povos, dos povos originários, das diversas etnias. Uma cultura que me atreveria chamá-la, porém no bom sentido, uma cultura popular. Os povos têm sua cultura e fazem sua cultura. É importante este trabalho pela cultura no sentido mais amplo da palavra. Não é cultura somente ter estudado ou poder usufruir de um concerto, ou ler um livro interessante, mas também é cultura mil coisas. Falavam do tecido de Ñandutí. Por exemplo, isto é cultura. E é cultura nascida do povo. Para fazer um exemplo, certo? E tem duas coisas que, antes de terminar, eu queria me referir. E nisto, como tem políticos aqui presentes, incluído o Presidente da República, o digo fraternalmente, não? Alguém me disse, “olhe, fulano de tal foi sequestrado pelo exército, faça algo, não?”. Eu não digo sim, é verdade, não é verdade, se é justo, se não é justo, porém um dos métodos que tinham as ideologias ditatoriais do século passado, aquelas que me referi há pouco, era separar as pessoas, ou com o exílio, ou com a prisão, ou, no caso dos campos de extermínio, nazistas ou estalinistas, as separavam com a morte, não? Para que haja uma verdadeira cultura em um povo, uma cultura política e do bem comum, rápidos julgamentos claros, julgamentos transparentes. E não serve outro tipo de estratégia. A justiça transparente, clara. Isto vai nos ajudar a todos. Eu não sei se aqui existe isto ou não, o digo com todo o respeito. Me disseram quando eu entrava. Me disseram aqui. E que pediram não sei por quem. Não ouvi bem o nome. E depois outra coisa que vos queria dizer por honestidade: um método que não dá

liberdade às pessoas para assumir responsabilmente sua tarefa de reconstrução da sociedade. É a chantagem. A chantagem sempre é corrupção: - “se tu fazes isto, vamos fazer isto, com o que te destruimos” -. A corrupção é a traça, é a gangrena de um povo. Por exemplo, nenhum político pode cumprir seu rol, seu trabalho, se está sendo chantageado por atitudes de corrupção – “me dá isto, me dá este poder, me dá isto ou..., senão..., vou te fazer isto e aquilo”. Isto que ocorre em todos os povos do mundo, porque isto acontece. Se um povo quer manter sua dignidade, tem que desterrar isto. Estou falando de algo universal.

E termino. Para mim é uma alegria ver a grande quantidade e variedade de associações que estão comprometidas na construção de um Paraguai cada vez melhor e próspero, porém, se não dialogam, não serve para nada. Se chantageiam, não serve para nada. Esta multidão são como uma sinfonia, cada um com a sua peculiaridade e a sua riqueza própria, mas procurando a harmonia final, a harmonia e isto é o que conta. E não tenham medo do conflito, porém falem dele e busquem caminhos de solução.

Amem a vossa Pátria, os vossos concidadãos e sobretudo amai os mais pobres. Deste modo sereis um testemunho perante o mundo de que é possível outro modelo de desenvolvimento. Estou convencido, pela própria história de vocês, de que tendes a força maior que existe: a vossa humanidade, a vossa fé, o vosso amor. Este ser do povo paraguaio, que o distingue tão ricamente entre as nações do mundo.

Peço à Virgem de Caacupé, nossa Mãe, que cuide de vós, vos proteja e anime nos vossos esforços. Que Deus vos abençoe e rezem por mim! Obrigado.

Um conselho como despedida, antes da benção. O pior que pode acontecer a cada um de vocês é saírem daqui pensando: “Que bom o que disse o papa a fulano, beltrano e aquele outro”. Se alguém de vocês aceita pensar assim, pois vem o pensamento, e a mim também me vem às vezes, debes rechaçá-lo, - “O Papa, a quem disse isto? Para mim”. Cada um, quem seja – “A mim”. E os convido a rezar ao nosso Pai comum, todos juntos, cada um na sua língua.....

Discurso do Papa Vésperas com os bispos, sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas, seminaristas e movimentos católicos

Sábado, 11 de julho de 20

Como é belo rezarmos as Vésperas todos juntos! Como não sonhar com uma Igreja que espelhe e repita, na vida quotidiana, a harmonia das vozes e do canto! Fazemo-lo nesta catedral que tantas vezes teve de ser começada de novo; esta catedral é sinal da Igreja e de cada um de nós: às vezes, as tempestades de fora e de dentro obrigam-nos a pôr de lado o que se construiu e começar de novo. Sempre, porém, com a esperança em Deus; e, se olharmos para este edifício, sem dúvida Ele não decepcionou os paraguaios. Porque Deus nunca desilude! E por isso O louvamos agradecidos.

A oração litúrgica, com a sua estrutura e ritmo pausado, quer dar voz à Igreja inteira, esposa de Cristo, que procura configurar-se com o seu Senhor. Na oração, cada um de nós quer tornar-se cada vez mais parecido com Jesus.

A oração traz à superfície aquilo que vivemos ou deveríamos viver na existência diária; pelo menos uma oração que não queira ser alienante ou apenas preciosista. A oração dá-nos impulso para pôr em ação ou examinar-nos sobre o que rezamos nos Salmos: nós somos as mãos de «Deus, que levanta o pobre da miséria» e somos quem trabalha para que esterilidade com a sua tristeza se transforme em campo fértil. Cantando que «muito vale aos olhos do Senhor a vida dos seus fiéis», somos os que lutam, pelejam, defendem o valor de toda a vida humana, desde o nascimento até os anos serem muitos e poucas as forças. A oração é reflexo do amor que sentimos por Deus, pelos outros, pelo mundo criado; o mandamento do amor é a melhor configuração do discípulo missionário com Jesus. Estar agarrados a Jesus dá profundidade à vocação cristã, que – interessada no «agir» de Jesus, que engloba muito mais do que as atividades – procura assemelhar-se a Ele em tudo o que realiza. A beleza da comunidade eclesial nasce da adesão de cada um dos seus membros à pessoa de Jesus, formando um «conjunto vocacional» na riqueza da diversidade harmônica.

As antífonas dos Cânticos Evangélicos deste domingo recordam-nos o envio dos Doze por Jesus. É sempre bom crescer nesta consciência de trabalho apostólico em comunhão! É belo ver-vos a colaborar pastoralmente, partindo sempre da natureza e função eclesial de cada uma das vocações e carismas. Quero exortar-vos a todos

– sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e seminaristas – a que vos empenheis nesta colaboração eclesial, especialmente a partir dos planos de pastoral das dioceses e da Missão Continental, cooperando com toda a disponibilidade possível para o bem comum. Se a divisão entre nós provoca a esterilidade (cf. *Evangelii gaudium*, 98-101), não há dúvida que, da comunhão e da harmonia, surge a fecundidade, porque estão em profunda consonância com o Espírito Santo.

Todos temos limitações; ninguém pode reproduzir totalmente Jesus Cristo. E, embora cada vocação se conforme de maneira mais saliente com este ou aquele traço da vida e obra de Jesus, há alguns elementos comuns e indispensáveis a todas. Ainda agora louvamos o Senhor porque «não fez alarde da sua condição divina», sendo isto uma característica de toda a vocação cristã: quem foi chamado por Deus não se pavoneia, nem corre atrás de reconhecimentos ou aplausos efêmeros; não sente ter subido de categoria nem trata os outros como se estivesse num degrau superior.

A supremacia de Cristo aparece claramente descrita na liturgia da Carta aos Hebreus; acabamos de ler quase o final dessa carta: Deus «nos faça perfeitos como o grande Pastor das ovelhas», e isto supõe que todo o consagrado esteja configurado com Aquele que, na sua vida terrena, «por entre orações e súplicas, com grande clamor e lágrimas» alcançou a perfeição quando aprendeu, sofrendo, o que significava obedecer. E isto também é parte da nossa vocação.

E agora acabemos de rezar as nossas Vésperas; o campanil desta catedral foi reconstruído várias vezes; o som dos sinos antecede e acompanha vários momentos da nossa oração litúrgica. Sempre que rezamos, somos feitos de novo por Deus, firmes como um campanil, felizes por divulgar as maravilhas de Deus. Partilhemos o Magnificat e deixemos o Senhor fazer, através da nossa vida consagrada, grandes coisas no Paraguai.

Discurso na visita à população de Bañado Norte Domingo, 12 de julho de 2015

Queridos amigos!

Com grande alegria, vejo cumprir-se esta manhã o meu desejo de visitar-vos. Não poderia visitar o Paraguai, sem estar convosco, sem estar na vossa terra.

Encontramo-nos aqui na paróquia denominada Sagrada Família e confesso-vos que, ao longo do caminho, tudo me fazia recordar a Sagrada Família. Ver os vossos rostos, os vossos filhos, os vossos avós. Ouvir as vossas histórias e tudo o que fizestes para estar aqui, a luta que travais para ter uma vida digna, um teto. Tudo o que fazeis para superar a inclemência do tempo, as inundações destas últimas semanas, faz-me recordar a família humilde de Belém. Uma luta que não vos roubou o sorriso, a alegria, a esperança. Uma peleja que não vos impediu a solidariedade, antes, pelo contrário, estimulou-a e fê-la crescer.

Quero me deter na presença de José e Maria em Belém. Eles tiveram de deixar a sua terra, os seus parentes, os seus amigos. Tiveram de deixar o que lhes pertencia e deslocar-se a outra terra; uma terra onde não conheciam ninguém, onde não tinham casa, nem família. Foi então que aquele jovem casal teve Jesus; em tal contexto, aquele jovem casal deu-nos de presente Jesus. Estavam sozinhos, numa terra estranha, os três. De repente, começaram a aparecer pastores; pessoas como eles, que tiveram de deixar o que possuíam a fim de obter melhores oportunidades familiares. Viviam sujeitos a inclemências de vários tipo, nomeadamente as do tempo.

Quando ouviram falar do nascimento de Jesus, saíram ao seu encontro, fizeram-se próximos, vizinhos. De repente, tornaram-se a família de Maria e José, a família de Jesus.

Acontece o mesmo, quando Jesus aparece na nossa vida. É isto que desperta a fé. A fé faz-nos próximos, aproxima-nos da vida dos outros. A fé desperta o nosso compromisso, a nossa solidariedade. O nascimento de Jesus desperta a nossa vida. A fé, que não se faz solidariedade, é uma fé morta. É uma fé sem Cristo, uma fé sem Deus, uma fé sem irmãos. O primeiro a ser solidário foi o Senhor, que escolheu viver entre nós, escolheu viver no nosso meio. Eu venho como aqueles pastores de Belém. Quero fazer-me próximo. Quero abençoar a vossa fé, abençoar as vossas mãos, abençoar a vossa comunidade. Vim dar graças convosco, porque a fé se fez esperança, e esperança que estimula o amor. A fé que Jesus desperta é uma fé com

capacidade de sonhar o futuro e de lutar por ele no presente. Por isso mesmo, quero encorajar-vos a continuar a ser missionários, a contagiar com a fé estas ruas, estas vielas. Fazendo-vos próximos especialmente dos mais jovens e dos idosos; fazendo-vos apoio das famílias jovens e de quantos estão a atravessar momentos difíceis.

Quero confiar as vossas famílias à Sagrada Família, para que o seu exemplo, o seu testemunho continue a ser luz no caminho, estímulo nos momentos difíceis e sempre nos dê de presente «pastores» capazes de acompanhar, apoiar e incentivar a vida das vossas famílias.

Convido-vos a rezar-Lhe juntos e peço-vos que não vos esqueçais de rezar por mim.

Homilia Santa Missa em Campo Grande de Ñu Guazú, em Assunção, Paraguai Domingo, 12 de julho de 2015

«O Senhor dar-nos-á chuva e dará fruto a nossa terra»: assim diz o Salmo. Com isto, somos convidados a celebrar a misteriosa comunhão entre Deus e o seu Povo, entre Deus e nós. A chuva é sinal da sua presença, na terra trabalhada pelas nossas mãos. Uma comunhão que sempre dá fruto, que sempre dá vida. Esta confiança brota da fé, de saber que contamos com a sua graça que sempre transformará e regará a nossa terra.

Uma confiança que se aprende, que se educa. Uma confiança que se vai gerando no seio duma comunidade, na vida duma família. Uma confiança que se transforma em testemunho no rosto de tantos que nos encorajam a seguir Jesus, a ser discípulos d'Aquele que nunca desilude. O discípulo sente-se convidado a confiar, sente-se convidado por Jesus a ser amigo, a compartilhar a sua sorte, a partilhar a sua vida. «A vós, não vos chamo servos, chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que sabia do meu Pai». Os discípulos são aqueles que aprendem a viver na confiança da amizade.

O Evangelho fala-nos deste discipulado. Apresenta-nos a cédula de identidade do cristão; a sua carta de apresentação, a sua credencial.

Jesus chama os seus discípulos e envia-os, dando-lhes regras claras e precisas. Desafia-os a um conjunto de atitudes, comportamentos que devem ter. Sucede, e não raras vezes, que nos poderão parecer atitudes exageradas ou absurdas; seria mais fácil lê-las simbólica ou «espiritualmente». Mas Jesus é muito preciso, muito claro. Não lhes diz: fazei de conta, ou fazei o que puderdes.

Recordemo-las juntos: «Não leveis nada para o caminho, a não ser um cajado; nem pão, nem alforje, nem dinheiro (...) Permanecei na casa onde vos derem alojamento». Parece uma coisa impossível.

Poderíamos concentrar-nos em palavras como «pão», «dinheiro», «alforje», «cajado», sandálias», «túnica». E seria lícito. Mas parece-me que há aqui uma palavra-chave, que poderia passar despercebida. Uma palavra central na espiritualidade cristã, na experiência do discipulado: hospitalidade. Como bom mestre, Jesus envia-os a viver a hospitalidade. Diz-lhes: «Permanecei na casa onde vos derem alojamento». Envia-os a aprender uma das características fundamentais

da comunidade crente. Poderíamos dizer que é cristão aquele que aprendeu a hospedar, a alojar.

Jesus não os envia como poderosos, como proprietários, chefes, carregados de leis, normas. Ao contrário, mostra-lhes que o caminho do cristão é transformar o coração. Aprender a viver de forma diferente, com outra lei, sob outra norma. É passar da lógica do egoísmo, do fechamento, da luta, da divisão, da superioridade para a lógica da vida, da gratuidade, do amor. Passar da lógica do dominar, esmagar, manipular para a lógica do acolher, receber, cuidar.

São duas as lógicas que estão em jogo, duas maneiras de enfrentar a vida, a missão.

Quantas vezes concebemos a missão com base em projetos ou programas. Quantas vezes idealizamos a evangelização, pondo de pé milhares de estratégias, táticas, manobras, truques, procurando que as pessoas se convertam com base nos nossos argumentos. Hoje o Senhor diz-nos muito claramente: na lógica do Evangelho, não se convence com os argumentos, as estratégias, as táticas, mas aprendendo a alojar, a hospedar.

A Igreja é uma mãe de coração aberto que sabe acolher, receber, especialmente a quem precisa de maior cuidado, que está em maior dificuldade. A Igreja é a casa da hospitalidade. Quanto bem se pode fazer, se nos animarmos a aprender a linguagem da hospitalidade, do acolher! Quantas feridas, quanto desespero se pode curar numa casa onde alguém se sente bem-vindo! Para isso é necessário que a porta esteja aberta, também a porta do coração.

Praticar hospitalidade com o faminto, o sedento, o forasteiro, o nu, o enfermo, o encarcerado (cf. Mt 25, 34-37), com o leproso, o paralítico. Hospitalidade com aquele que não pensa como nós, com a pessoa que não têm fé ou a perdeu. Hospitalidade com o perseguido, o desempregado. Hospitalidade com as culturas diferentes, de que esta terra é tão rica. Hospitalidade com o pecador.

Muitas vezes esquecemo-nos de que há um mal que precede os nossos pecados. Há uma raiz que causa muito, muito dano, que destrói silenciosamente tantas vidas. Há um mal que, pouco a pouco, vai fazendo ninho no nosso coração e «corroendo» a nossa vitalidade: a solidão. Solidão que pode ter muitas causas, muitos motivos. Como destrói a vida e nos faz tão mal! Vai nos afastando dos outros, de Deus, da comunidade. Vai nos encerrando em nós mesmos. Por isso, o que é próprio da Igreja, desta mãe, não é principalmente gerir coisas, projetos, mas aprender a viver

a fraternidade com os outros. A fraternidade acolhedora é o melhor testemunho de que Deus é Pai, porque «é por isto que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35).

Desta maneira, Jesus abre-nos a uma lógica nova; a um horizonte cheio de vida, beleza, verdade, plenitude.

Deus nunca fecha os horizontes, Deus nunca é passivo face à vida e ao sofrimento dos seus filhos. Deus nunca Se deixa vencer em generosidade. Foi para isto que nos enviou seu Filho, no-Lo oferece, entrega, compartilha: para aprendermos o caminho da fraternidade, do dom. Em definitivo, é um novo horizonte, uma nova Palavra para tantas situações de exclusão, desagregação, confinamento, isolamento. É uma Palavra que quebra o silêncio da solidão.

E quando estivermos cansados ou se tornar pesada a evangelização, é bom recordar que a vida proposta por Jesus corresponde às necessidades mais profundas das pessoas, porque todos fomos criados para a amizade com Jesus e o amor fraterno (EG 265).

Uma coisa é certa: não podemos obrigar ninguém a receber-nos, a hospedar-nos; isto é certo e faz parte da nossa pobreza e da nossa liberdade. Mas é certo também que ninguém nos pode obrigar a não sermos acolhedores, hospedeiros da vida do nosso Povo. Ninguém nos pode pedir que não recebamos e abracemos a vida dos nossos irmãos, especialmente dos que perderam a esperança e o gosto pela vida. Como é belo imaginar as nossas paróquias, comunidades, capelas, lugares onde estão os cristãos como verdadeiros centros de encontro tanto entre nós como com Deus.

A Igreja é mãe, como Maria. N'ela, temos um modelo. Alojjar como Maria, que não dominou nem Se apoderou da Palavra de Deus; pelo contrário, hospedou-A, gerou-A e entregou-A.

Alojar como a terra que não domina a semente, mas que a recebe, nutre e faz germinar.

Assim queremos ser nós, os cristãos, assim queremos viver a fé neste solo paraguaio: como Maria, alojando a vida de Deus em nossos irmãos com a confiança, com a certeza de que «o Senhor nos dará chuva e dará fruto a nossa terra».

Angelus

Domingo, 12 de julho de 2015

Na reflexão que precede à oração, o Santo Padre destacou que a fé dos paraguaios que, segundo ele, está impregnada de amor à Virgem Maria. “Acodem confiadamente à sua Mãe, abrem-Lhe o seu coração e confiam-Lhe as suas alegrias e penas, as suas esperanças e sofrimentos. A Virgem consola-os e, com a ternura do seu amor, acende neles a esperança”.

Veja, na íntegra, o que disse o Pontífice:

Agradeço ao Arcebispo de Assunção, Dom Edmundo Ponziano Valenzuela Mellid, as suas amáveis palavras.

No final desta celebração, voltamos com confiança o nosso olhar para a Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe. Ela é o presente de Jesus ao seu povo. Deu-no-La como mãe na hora da cruz e do sofrimento. É fruto da entrega de Cristo por nós. E, desde então, sempre esteve e estará com seus filhos, especialmente os mais humildes e necessitados.

Nossa Senhora entrou no tecido da história dos nossos povos com as suas gentes. Como em muitos outros países da América Latina, a fé dos paraguaios está impregnada de amor à Virgem. Acodem confiadamente à sua Mãe, abrem-Lhe o seu coração e confiam-Lhe as suas alegrias e penas, as suas esperanças e sofrimentos. A Virgem consola-os e, com a ternura do seu amor, acende neles a esperança. Não deixeis de invocar e confiar em Maria, Mãe de misericórdia para todos os seus filhos sem distinção.

À Virgem, que perseverou em oração com os Apóstolos à espera do Espírito Santo (cf. Act 1, 13-14), peço-Lhe também que vele pela Igreja e fortaleça os vínculos fraternos entre todos os seus membros. Possa a Igreja, com a ajuda de Maria, ser casa de todos, uma casa que saiba hospedar, uma mãe para todos os povos.

Queridos irmãos, peço-vos, por favor, que rezeis também por mim. Sei bem quanto amais o Papa no Paraguai. Também eu vos levo no coração e rezo por vós e pelo vosso país.

Rezemos, juntos, a oração do Angelus.

Benção Final

Que o Senhor te abençoe e guarde, e faça resplandecer o seu rosto sobre ti e dar-lhe sua misericórdia. Ele pode olhar para você e lhe conceda a paz. Que a bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho, e Espírito Santo que descerá sobre vós e permaneça para sempre.

Encontro com os jovens na Beira-Rio “Costanera” Domingo, 12 de julho de 2015

Discurso pronunciado

Francisco preferiu “responder com o coração”, deixando de lado o discurso preparado anteriormente. “Preparei o discurso, mas os discursos são entediantes”, disse o Papa.

O Bispo de Roma destacou três palavras-chave fundamentais para que os jovens consigam viver a alegria de ser filhos de Deus: coração livre, solidariedade e esperança.

Coração livre

O jovem Orlando, escolhido para proclamar o Evangelho, ao cumprimentar o Pontífice, lhe pediu que lhe desse uma bênção e rezasse para que ele e toda a juventude vivessem a verdadeira liberdade.

O Papa aproveitou a solicitação e iniciou o seu discurso pedindo aos jovens que rezassem para que todos os presentes tivessem um coração livre. “A liberdade é um presente que Deus nos dá; contudo é preciso saber recebê-la. Nós sabemos que o mundo coloca muitas amarras em nosso coração, como a exploração, a falta de meios para sobreviver, a dependência de drogas, a tristeza, tudo isso nos tira a liberdade”, explicou.

Solidariedade

Ao refletir sobre o testemunho da jovem Liz, de 25 anos, o Santo Padre apresentou uma grande lição de solidariedade aos jovens.

“Liz nos ensina com sua vida que não podemos ser como Pilatos, ela poderia lavar as mãos, colocar sua mãe e sua avó no asilo, e viver feliz sua vida, mas ela se transformou em serva de sua mãe e sua avó. Ela disse que mudou os papéis, que ela era mãe da sua mãe, que tem Alzheimer. Liz nos seus 25 anos serve sua mãe e sua vó”. E enfatizou que, ao fazer isso, a jovem vive o quarto mandamento: “honrar pai e mãe”. “Liz vive a vida para sua mãe, isso é um grande ato de solidariedade e de amor”, falou o Santo Padre.

Esperança

Ao abordar a história de Manuel, o Papa Francisco afirmou que esse jovem não nasceu em berço de ouro e que ele foi impactado com as palavras duras ditas por ele. “Fui explorado e maltratado, tanto que caí em uma vida de drogas e não tinha por que ir adiante”. E enfatizou que o encontro com Deus lhe trouxe a esperança.

“Liberdade de coração nos ensina Orlando. Serviço e solidariedade nos ensina Liz. Esperança, lutar e seguir a vida nos ensina Manuel. É isso de que precisamos: jovens com esperança! Queremos jovens que não se cansem rápido, queremos jovens fortes, com esperança e fortaleza”, ressaltou Francisco.

O Papa exortou os jovens a ir contra a correnteza e a viver a bem-aventurança, encontrada no Evangelho de São Mateus. E lembrou: “Na outra vez que havia pedido a vocês para fazerem barulho, um sacerdote me disse: ‘Você disse aos jovens para fazer barulho, mas depois as consequências somos nós quem devemos suportar’. Assim vos digo hoje: façam barulho e o organizem bem”.

O Pontífice encerrou sua mensagem com um breve momento de oração. “Senhor Jesus, Te dou graças por estar aqui. Fica conosco, Jesus. Jesus, eu Te peço pelos meninos e meninas que não sabem que o Senhor é a fortaleza. Jesus, ensine-os a sonhar. Sonhar coisas grandes, coisas lindas. Senhor Jesus, dá-nos fortaleza, dá-nos um coração livre”.

Discurso preparado

Queridos jovens!

Enche-me de alegria poder encontrar-me convosco, neste clima de festa. Poder ouvir os vossos testemunhos e partilhar o vosso entusiasmo e amor a Jesus.

Obrigado, D. Ricardo Valenzuela, responsável da pastoral juvenil, pelas suas palavras! Obrigado, Manuel e Liz, pela coragem de partilhades as vossas vidas, oferecendo o vosso testemunho neste encontro. Não é fácil falar das nossas coisas pessoais, e menos ainda diante de tantas pessoas. E vós partilhastes o tesouro maior que tendes: as vossas vicissitudes, as vossas vidas e como Jesus, pouco a pouco, entrou nelas.

Para responder às vossas perguntas, gostaria de realçar algumas das coisas que partilhastes.

Manuel, falaste mais ou menos assim: «Hoje tenho desejos, de sobra, de servir os outros; tenho vontade de me vencer». Passaste por momentos muito difíceis, situações muito dolorosas, mas hoje tens grande desejo de servir, de sair, de partilhar a tua vida com os outros.

Liz não é nada fácil ser mãe dos próprios pais, sobretudo quando se é jovem, mas que grande sabedoria e maturidade encerram as tuas palavras, quando nos dizias: «Hoje jogo com ela, mudo-lhe as fraldas... Coisas todas, que hoje ofereço a Deus; e estou apenas compensando o que mãe fez por mim».

Vós, jovens paraguaios, sois corajosos de verdade.

Partilhastes também como conseguistes continuar; onde encontrastes forças. Na paróquia – dissestes ambos –, nos amigos da paróquia e nos retiros espirituais que lá se organizavam. Duas chaves muito importantes: os amigos e os retiros espirituais.

Os amigos. A amizade é um dos presentes maiores que uma pessoa, um jovem pode ter e pode oferecer. É verdade! Como é difícil viver sem amigos. Vede se esta não é uma das coisas mais belas que Jesus disse: «Chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai» (Jo 15, 15). Um dos maiores segredos do cristão radica-se no facto de ser amigo, amigo de Jesus. Quando uma pessoa ama alguém, permanece ao seu lado, cuida dele, ajuda-o, diz-lhe o que pensa, mas sem o deixar caído por terra. Assim faz Jesus conosco, nunca nos deixa caídos por terra. Os amigos apoiam-se, fazem-se companhia, protegem-se. Assim procede o Senhor conosco. Serve-nos de apoio.

Os retiros espirituais. Santo Inácio tem uma meditação famosa, chamada das duas bandeiras. Descreve, por um lado, a bandeira do demônio e, por outro, a bandeira de Cristo. Seria como as camisas de duas equipas; e pergunta-nos, em qual delas gostaríamos de jogar.

Com aquela meditação, leva-nos a imaginar como seria pertencer a uma ou a outra equipa. Seria como perguntar: Com quem queres jogar na vida?

E Santo Inácio diz que o demônio, para recrutar jogadores, promete àqueles que jogam com ele riqueza, honras, glória e poder. Serão famosos. Serão endeusados por todos.

No lado oposto, apresenta-nos o jogo de Jesus. Não como algo fantástico. Jesus não nos apresenta uma vida de “estrelas”, famosos; pelo contrário, jogar com Ele é um convite à humildade, ao amor, ao serviço aos outros. Jesus não nos mente. Toma-nos a sério.

Na Bíblia, o demónio é chamado o pai da mentira. Ele prometia ou, melhor, fazia-te crer que, se fizesses certas coisas, serias feliz; mas depois dá-te conta de que não és nada feliz; foste atrás de algo que, longe de te dar a felicidade, fez-te sentir mais vazio, mais triste. Amigos, o diabo, é um «vende fumaça». Promete-te, promete-te, mas não te dá nada, nunca cumpre nada do que diz. É um mau pagador. Faz-te desejar coisas que não depende dele que tu as obtenhas ou não. Faz-te depositar a esperança em algo, que nunca te fará feliz. Este é o seu jogo, esta é a sua estratégia: falar muito, oferecer muito e não fazer nada. É um grande «vende fumaça», porque tudo o que nos propõe é fruto da divisão, de nos compararmos com os outros, de pisar a cabeça aos outros para conseguirmos as nossas coisas. É um «vende fumaça», porque o único caminho para alcançar tudo isto é pôr de lado os teus amigos, não dar apoio a ninguém. Porque tudo se baseia na aparência. Faz-te crer que o teu valor depende de quanto possuis.

Do lado contrário, temos Jesus que nos oferece o seu jogo. Não nos vende fumaça; não nos promete, aparentemente, grandes coisas. Não nos diz que a felicidade está na riqueza, no poder, no orgulho. Antes pelo contrário, mostra-nos que o caminho é outro. Este Treinador diz aos seus jogadores: bem-aventurados, felizes os pobres em espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os que trabalham pela paz, os perseguidos por causa da justiça. E conclui dizendo: Alegrai-vos com tudo isto.

Por que motivo? Porque Jesus não nos mente. Mostra-nos um caminho que é vida, que é verdade. Ele mesmo é a grande prova disso. É o seu estilo, a sua maneira de viver a existência, a amizade, a relação com o seu Pai. E a isto nos convida: a sentirmo-nos filhos, filhos amados.

Jesus não te vende fumaça. Porque sabe que a felicidade verdadeira, a felicidade que enche o coração não está nos trapos que vestimos, nos sapatos que calçamos, na etiqueta de determinada marca. Ele sabe que a verdadeira felicidade encontra-se em sermos sensíveis, em aprender a chorar com os que choram, em aproximar-se de quem está triste, em deixar chorar sobre o próprio ombro, dar um abraço. Quem não sabe chorar, não sabe rir e, conseqüentemente, não sabe viver. Jesus sabe que, neste mundo de tanta concorrência, inveja e agressividade, a verdadeira felicidade passa por aprender a ser pacientes, a respeitar os outros, a não condenar nem julgar ninguém. Quem se irrita já perdeu: diz o ditado. Não abandoneis o vosso coração à ira, ao rancor. Felizes os que têm misericórdia. Felizes os que sabem colocar-se no lugar de outro, os que têm a capacidade de abraçar, de perdoar. Todos experimentámos isto alguma vez. Todos, em determinados momentos, nos sentimos perdoados: como é bom! É como reaver a vida, ter uma nova oportunidade. Não há nada mais belo do que ter nova oportunidade. É como se a vida voltasse a começar. Por isso, felizes aqueles que são portadores de nova vida, de novas oportunidades. Felizes quantos trabalham para isso, aqueles que lutam para isso. Erros, todos cometemos; as equívocações, não têm conta. Por isso, felizes aqueles que são capazes de ajudar os outros a sair dos seus erros, das suas equívocações. São verdadeiros amigos e não deixam ninguém caído por terra. Estes são os puros de coração, aqueles que, conseguindo ver mais além da simples

nódoa, superam as dificuldades. Felizes aqueles que se fixam especialmente na parte boa dos outros.

Liz, tu nomeaste Chikitunga, uma Serva de Deus paraguaia. Disseste que era como tua irmã, tua amiga, teu modelo. Ela, como muitos outros, mostra-nos que o caminho das Bem-aventuranças é um caminho de plenitude, um caminho possível, real; que enche o coração. Os Santos são nossos amigos e modelos que já deixaram de jogar neste campo, mas transformaram-se naqueles jogadores indispensáveis para quem sempre se olha a fim de darmos o melhor de nós mesmos. Eles são a prova de que Jesus não é um «vende fumaça», mas que a sua proposta é mesmo de plenitude. Acima de tudo, é uma proposta de amizade: amizade verdadeira, amizade de que todos precisamos. Amigos, segundo o estilo de Jesus. Não para ficarmos entre nós, mas sair pelo campo, ir fazer mais amigos. Para contagiar com a amizade de Jesus toda a gente, onde quer que esteja, no trabalho, no estudo, na noitada, por whastapp, no facebook ou no twitter. Quando saem para dançar, ou estão a tomar um bom tereré. Na praça ou jogando uma partida no campo do bairro. É aí que estão os amigos de Jesus. Não vendendo fumaça, mas dando apoio; o apoio de saber que somos felizes, porque temos um Pai que está no Céu

Conteúdo publicado na integra no site papa.cancaonova.com

cancaonova.com © 2002 – 2015 - Todos os direitos reservados

Organizado por [Adailton Batista](#)